

R. C. SPROUL

Salvo de quê?

compreendendo o significado da salvação

Tradução

Fabiani Medeiros

e

Maria Emília de Oliveira





©2002, de R. C. Sproul
Título original
Saved From What?
edição publicada por
CROSSWAY BOOKS
(Wheaton, Illinois, EUA)



*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Vida*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Nova Versão Internacional (NVI),
©2001, publicada por Editora Vida,
salvo indicação em contrário.



EDITORA VIDA
Rua Júlio de Castilhos, 280 Belenzinho
CEP 03059-000 São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 6618 7000
Fax: 0 xx 11 6618 7050
www.editoravida.com.br
www.vidaacademica.net

Coordenação editorial: Rosa Ferreira
Edição: Renato Basile
Revisão: Gibson James e Marcos H. de Araújo
Consultoria e revisão técnica: Luiz Sayão
Projeto gráfico e diagramação: Set-up Time
Capa: Souto Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sproul, R. C.

Salvo de quê? : compreendendo o significado da salvação / R.C. Sproul ;
tradução Fabiani Medeiros. — São Paulo : Editora Vida, 2006.

Título original: *Saved from what?*
Bibliografia.
ISBN 85-7367-794-5

1. Redenção 2. Vida cristã I. Título.

Índice para catálogo sistemático:

1. Redenção : Teologia dogmática cristã 234

Para Dave e Maureen Buchman:
amigos, cooperadores e irmãos na fé.

Sumário

<i>Prefácio à edição brasileira</i>	9
<i>Prefácio dos editores</i>	11
PRIMEIRA PARTE – Salvo <i>de</i> quê?	
1. Salvo <i>de</i> quê?	15
2. Uma auto-imagem despedaçada	28
SEGUNDA PARTE – Salvo <i>por meio de</i> quê?	
3. Salvo <i>por meio de</i> quê?	41
4. A linda história da redenção	49
5. Cristo, nosso resgate	60
6. Bênção ou maldição?	67
7. Uma cruz nossa por direito	83
TERCEIRA PARTE – Salvo <i>para</i> quê?	
8. A adoção e a visão beatífica	95
<i>Índice geral</i>	113

Prefácio à edição brasileira

O evangelho, a boa-nova de salvação, deve ser proclamado integralmente a todos os homens, atingindo o homem por completo. A teologia oferece solidez na elaboração e transmissão dessa verdade, mostrando quem é Deus e a real necessidade do homem. “Tudo o que as Escrituras dizem a respeito do homem, e particularmente tudo o que elas dizem sobre a salvação do homem, é afinal de contas para glória de Deus. Nossa teologia está centrada em Deus porque nossa vida está centrada em Deus”.¹

Neste pequeno e precioso livro, o dr. Sproul responde com simplicidade bíblica à questão que considera o tema central de toda Bíblia: *salvo de quê?* Ele demonstra com clareza a necessidade que temos da salvação oferecida por Deus, visto que todos, sem exceção, se encontram sob a ira divina, sendo conduzidos à morte eterna, à separação definitiva de Deus.

Sproul apresenta a mensagem de salvação sem em nenhum momento baratear o evangelho, como se este fosse algo simples, consistindo em um mero slogan, tal como: “Deus tem um plano maravilhoso para você”. De modo bíblico o autor evidencia que nossa redenção, proveniente das obras de Deus, envolveu a morte

¹Cornelius VAN TIL. *An Introduction to Systematic Theology*. Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1974, p. 1.

de seu filho, Jesus Cristo, em nosso lugar. Ele corretamente nos ensina que sem a cruz não há evangelho. Nossa salvação, embora alcançada pela graça, é extremamente cara e valiosa: sem as obras da Trindade jamais seríamos salvos. Contudo, nossa justificação é pela graça mediante a fé.

Em sua abordagem, Sproul demonstra que a pregação não é dirigida apenas à emoção, mas também à mente; por isso a mensagem deve ser apresentada ao entendimento de forma clara e objetiva, visando atingir os ouvintes: a conversão é obra do Espírito, mas não elimina nem atenua a responsabilidade de proclamar a Palavra com seriedade, esforçando-nos por fazê-lo da melhor forma possível conforme os parâmetros bíblicos.

Aqueles que fazem uma separação inexistente entre evangelização e doutrina encontrarão nesta obra a mensagem de salvação em Jesus Cristo fundamentada numa sólida teologia bíblica. Como não poderia deixar de ser, a teologia nos auxilia ao fornecer-nos uma perspectiva abrangente do ensino bíblico a respeito de Deus e de sua glória, bem como da natureza humana, de suas necessidades e de como Deus em sua misericórdia pode satisfazê-las. Neste livro, Sproul consegue demonstrar que o evangelho pleno consiste na pregação e no ensino integral da Palavra .

Minha oração é no sentido de que Deus, por sua graça, use este livro para conduzir seus leitores à Palavra e, por intermédio dela e do Espírito, produza fé para que creiam em Jesus Cristo — nosso único Salvador —, sendo salvos da ira divina para o seu amor (v. Rm 1.16; 10.17; Tg 1.18,21; 1Pe 1.23). Amém.

REV. HERMISTEN MAIA PEREIRA DA COSTA
Pastor-Efetivo da Igreja Presbiteriana
Ebenézer, Osasco, SP

Prefácio dos editores

Este livro poderá ser a leitura mais importante de toda a sua vida. Sabe por quê? Porque a pergunta que ele formula (e responde) — *salvo de quê?* — é a mais importante que qualquer pessoa teria que responder.

Há quatro maneiras possíveis de essa pergunta estar relacionada a você. A primeira é que você pode não ser salvo e reconhecer esse fato. Se for o caso, está correndo um sério perigo.

A segunda é que pode não ser salvo, mas pensar que é. Neste caso você estaria em um perigo ainda maior, pois não teria consciência dele. Então, recomendo enfaticamente a leitura deste livro para que compreenda a situação desesperadora em que se encontra.

Ou talvez você seja salvo, mas não entenda muito claramente o que isso significa. Nesse caso, também insisto para que o leia, pois encontrará grande segurança e alegria.

Por fim, pode ser que você já seja salvo e tenha segurança e compreensão acerca da sua salvação. Se assim for, a leitura pode ser uma grande oportunidade para desenvolver um relacionamento mais aprofundado com Deus e adquirir um novo sentimento de alegria e gratidão em relação a ele.

De que trata, então, o livro? Primeiro, da condição de absoluta desesperança e perdição eterna de cada pessoa que não é salva e, portanto, está debaixo da ira e da justa condenação de Deus.

Mais do que isso, porém, o livro apresenta de modo claro e convincente a “grande salvação” que Deus providenciou por intermédio da vida, morte e ressurreição de seu único filho, Jesus Cristo. Demonstra como, por meio da fé em Cristo e em sua obra a nosso favor, somos perdoados dos pecados, libertos da culpa e justificados perante Deus, o Santo Juiz e Criador de tudo o que existe.

O livro ainda oferece um vislumbre inesquecível da eternidade, do céu e da alegria, beleza e glória indescritíveis que aguardam todos os que são salvos.

Portanto, eu o convido a ler estas páginas. Minha oração é para que, depois de lê-las, você compreenda — seja pela primeira vez ou de maneira nova e transformadora — a “grande salvação” que Deus nos proveu por meio da fé em Cristo, o filho único de Deus, que morreu por nossos pecados.

Que este seja o livro mais importante que você já leu.

LANE T. DENNIS, PhD
Presidente e Editor
Crossway Books

PRIMEIRA PARTE
Salvo *de* quê?

1

Salvo *de* quê?

“Você é salvo?”

Lembro como fosse hoje aquele dia em 1969, há mais de três décadas, quando me fizeram essa pergunta.

Vivíamos os dias instáveis da década de 60, a era da revolução cultural nos Estados Unidos. Eu dava aulas de teologia na Conwell School of Theology, no campus da Temple University, na Filadélfia. Podia-se dizer qualquer coisa sobre aqueles dias, menos que havia tranquilidade. Eram dias de turbulência, marcados por manifestações públicas contra a guerra do Vietnã. Os protestos da classe estudantil, passivos ou não, vinham acompanhados aqui e ali por acessos de ódio e indignação. O mundo acadêmico vivia um estado de tumulto e revolta nunca vistos. Recordo-me de uma vez que tentava dar aula em meio ao ruído ensurdecedor de um megafone que entrava pela janela da sala, como se eu disputasse a atenção dos meus alunos com a SDS.¹

Em um daqueles dias, para fugir da agitação, eu passei uma hora no refeitório dos professores em busca de refúgio e silêncio. Estiquei ao máximo meu horário de almoço para aproveitar cada instante de paz.

¹Students for a Democratic Society [Estudantes por uma Sociedade Democrática]. Uma das organizações estudantis mais ativas da década de 1960.

Terminado o meu tempo, deixei a bandeja sobre o balcão e comecei a percorrer minha longa e difícil trajetória pelo campus até a sala de aula. Eu caminhava rapidamente para não me atrasar. Estava sozinho, pensando na vida. De repente, não sei de onde, um cavalheiro apareceu diante de mim, impedindo minha passagem. Ele me olhou bem nos olhos e perguntou sem rodeios:

— Você é salvo?

Eu não soube muito bem como reagir àquela intromissão. Respondi, então, com as primeiras palavras que me vieram à mente:

— Salvo de quê?

O que pensei, mas tive a educação de não dizer, foi: “Com certeza não estou salvo de estranhos que ficam me importunando com perguntas como essa”. Mas quando repliquei questionando “salvo de quê?”, creio que o homem ficou tão surpreso com minha pergunta quanto eu com a dele. Então, começou a gaguejar. Obviamente, não sabia exatamente o que responder.

— Salvo de quê? Bem, você sabe o que eu quero dizer, não sabe? Quero dizer...você conhece Jesus? Em seguida, tentou me apresentar um breve resumo do evangelho.

Aquele encontro casual e repentino me causou um impacto. Experimentei um sentimento contraditório. Por um lado, fiquei extremamente feliz com o fato de alguém se preocupar comigo, mesmo sem me conhecer, a ponto de me parar na rua e perguntar se eu era salvo. Mas estava claro que, embora aquele homem fosse zeloso com a questão da salvação, tinha pouco entendimento sobre o que ela significa. Estava apenas expressando um jargão religioso. As palavras fluíam pelos lábios sem serem processadas pela mente. Logo, eram vazias de significado. Sem dúvida, aquele homem amava a Cristo e se preocupava com as pessoas. Poucos cristãos têm a coragem de começar uma conversa evangelística com pessoas totalmente desconhecidas. Contudo, ele infelizmente tinha pouca compreensão daquilo que tentava transmitir com tanto fervor.

Os evangélicos compreendem o evangelho?

E o que dizer da Igreja atual? Será que os evangélicos de hoje têm um entendimento mais profundo do evangelho, do que significa ser salvo? Lamentavelmente, parece haver pouco entendimento mesmo entre os que são mais ativos nos círculos evangélicos.

Tome como exemplo a pesquisa que a CURE² realizou há alguns anos na convenção anual da CBA.³ Como a maioria dos participantes era cristã, era de se esperar que todos tivessem uma compreensão básica das verdades fundamentais do evangelho. Mas quando a equipe da CURE entrevistou aleatoriamente cem participantes, houve apenas uma definição “satisfatória” do evangelho. A maioria das respostas foi mais ou menos assim: “Evangelho é relacionamento pessoal com Jesus” ou “Significa convidar Jesus para entrar em seu coração”. Não há nessas afirmações nenhuma convicção a respeito da pessoa e obra de Cristo e da apropriação individual dessa obra por meio da fé.

A pesquisa foi baseada em uma pequena amostragem, com apenas cem entrevistados entre os mais de cinco mil participantes da convenção. Talvez as respostas tenham sido influenciadas pela maneira como a pergunta foi formulada. No entanto, depois de conversar com os entrevistadores fiquei perplexo diante da evidente ignorância sobre o artigo de fé mais básico do cristianismo.

Como resultado, fui convidado para pregar no culto de domingo na Convenção de Livreiros Cristãos do ano seguinte. Ainda com os dados da pesquisa em mente, decidi falar sobre o tema “salvação”, fazendo a pergunta: “O que é salvação?”. Fiquei apreensivo

²Christians United for Reformation (Cristãos Unidos pela Reforma). Organização sem fins lucrativos que atua no ramo editorial e radiofônico. Atualmente, é denominada Alliance of Confessing Evangelicals (Aliança de Evangélicos Confessos) [N. do E.].

³Christian Booksellers Association (Associação de Livreiros Cristãos dos Estados Unidos) [N. do E.].

após escolher o tema. Tive dois receios. Temi que uma pergunta tão básica dirigida a editores e livreiros cristãos fosse como chover no molhado, que pareceria a eles perda de tempo por se tratar de algo que já conheciam tão bem. Também temi que estivesse insultando a inteligência de meus ouvintes e parecendo extremamente presunçoso ou grosseiro ao abordar um assunto tão elementar.

Quando terminei o sermão naquela manhã, fiquei estarelecido com a reação de todos. Durante toda a semana, pessoas vieram me agradecer, dizendo coisas como: “Nunca refleti sobre o assunto dessa maneira”. Para dizer a verdade, desde aquele ano eu participei de todas as convenções da CBA e em cada uma delas as pessoas comentaram sobre aquele sermão. Se você não for um pregador talvez não perceba bem o que eu quero dizer. Raramente as pessoas comentaram sermões que ouviram no passado. Eu mesmo mal lembro sobre o que preguei há três semanas. É natural que meus ouvintes lembrem menos ainda. A força da palavra não está na capacidade das pessoas em resumir a mensagem que ouviram. Antes, no poder da Palavra de Deus em lhes penetrar na alma. Com isso em mente, permita-me citar a íntegra da passagem bíblica, extraída do livro do profeta Sofonias, que usei naquele sermão, o único que lembro ter pregado sobre esse livro em quase quarenta anos. É um texto extremamente aterrorizante, mas responde de modo singular à pergunta: “Salvo de quê?”. O texto diz:

O grande dia do SENHOR está próximo;
está próximo e logo vem.
Ouçam! O dia do SENHOR será amargo;
até os guerreiros gritarão.

Aquele dia será um dia de ira,
dia de aflição e angústia,
dia de sofrimento e ruína,
dia de trevas e escuridão,
dia de nuvens e negridão,

dia de toques de trombeta e gritos de guerra
contra as cidades fortificadas
e contra as torres elevadas.

Trarei aflição aos homens;
andarão como se fossem cegos,
porque pecaram contra o SENHOR.
O sangue deles será derramado
como poeira,
e suas entranhas como lixo.

Nem a sua prata nem o seu ouro
poderão livrá-los
no dia da ira do SENHOR.
No fogo do seu zelo
o mundo inteiro será consumido,
pois ele dará fim repentino
a todos os que vivem na terra (Sf 1.14-18).

Se lermos o texto com cuidado, veremos facilmente que há muito pouco do “evangelho” nele. A mensagem não traz “boas notícias”, mas horrendas. É muito sério que ninguém se surpreenda com o fato de essa mensagem estar relegada a um canto qualquer do gabinete pastoral. Em nossos dias, ela não é politicamente correta. Entre os termos usados por Sofonias para traçar um panorama do dia do Senhor incluem-se:

amargo	sofrimento	trevas
aflição	lixo	consumido
gritos de guerra	ruína	escuridão
angústia	ira	fogo
sangue		

É quase como se o Espírito Santo tivesse ampliado o vocabulário de Sofonias para tornar a mensagem o mais clara possível. O

tom de ladainha formado por esses termos descritivos não deixa dúvidas acerca do terror do dia profetizado. E a passagem é apenas um pequeno fragmento da profecia. O restante da mensagem é ainda mais aterrorizante em sua exposição viva do derramamento da ira de Deus.

Na verdade, o final do livro de Sofonias fala da promessa divina de redenção. Ele termina de forma triunfante, mas não sem antes enfatizar exaustivamente a terrível exposição da nação à inevitável realidade do julgamento divino.

Com uma mensagem tão severa, o que me levaria a pensar em pregar sobre esse texto? Simplesmente isto: nessa passagem tão pouco anunciada, temos as mais nítidas descrições bíblicas que respondem à pergunta “salvo de quê?”. Quando falamos de salvação, estamos tratando do conceito que é *o tema central de toda Bíblia* — um conceito que nos é imperativo compreender.

O significado da salvação

Quando pesquisamos as Escrituras para definir o significado do termo *salvação*, o primeiro fato que observamos é que ele é usado em diversos sentidos. Há muitos assuntos que se relacionam com o substantivo *salvação* ou com o verbo *salvar*.

Por exemplo, quando Deus libertou Paulo e Silas da prisão em Filipos por meio de um terremoto, o carcereiro se aproximou deles em pânico e perguntou: “Senhores, que devo fazer para ser salvo?”. Fico imaginando por que Paulo respondeu prontamente: “Creia no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa” (At 16.30,31). Penso que sei o que Paulo quis dizer por “salvação”, mas já me perguntei o que estaria na mente do carcereiro quando formulou a pergunta. Ali estava um homem responsável pela guarda dos prisioneiros, e a lei naqueles dias era clara: se os prisioneiros escapassem, o carcereiro cumpriria a pena destinada a eles, não importava qual fosse. Quando as paredes do cárcere desabaram e os prisioneiros

começaram a correr livremente, esse homem correu até Paulo e Silas e perguntou sobre salvação.

Certamente, é possível que naquele instante ele tivesse em mente uma pergunta sobre seu destino eterno, seu relacionamento com Deus, pois ouvira Paulo e Silas cantando hinos e sabia que eram religiosos. Dirigiu, então, sua pergunta ao maior teólogo da história, o apóstolo Paulo: “Que devo fazer para ser salvo?”. Pode ser que ele estivesse considerando a eternidade. Ou talvez todos os carcereiros filipenses só pensassem em uma coisa: “Como vou me livrar das consequências dessa fuga em massa?”. Nem sempre a palavra *salvação* nas Escrituras se refere à questão suprema da reconciliação com Deus.

Uma mulher doente procurou Jesus e suplicou que fosse curada. Com um toque, Jesus a curou e disse: “Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal” (Mc 5.34; RA).⁴ Eles sequer conversaram sobre reconciliação com Deus. A mulher estava à procura de alívio para sua enfermidade e sofrimento. Buscava ser salva da destruição da doença que a atormentava, e Jesus a salvou disso. Quando ele disse “a tua fé te salvou”, pode ou não ser que estivesse falando no sentido principal da palavra. Repito, quando a Bíblia cita a palavra *salvação* ou o verbo *salvar*, não se refere necessariamente ao que denominamos *doutrina* da salvação.

A Bíblia afirma que a mulher será “salva” dando à luz filhos (1 Tm 2.15). Paulo também ensina ao coríntios que “o marido descrente é santificado por meio da mulher, e a mulher descrente é santificada por meio do marido” (1Co 7.14). Isso significa que o Novo Testamento ensina três meios de salvação: 1) ter fé em Cristo; 2) casar-se com alguém que tenha fé em Cristo e 3) o parto, no caso das mulheres? Quer dizer que elas nem mesmo precisam se casar

⁴Embora na tradução da NVI apareça o verbo “curar”, a nota textual cita o verbo “salvar” como alternativa [N. do E.].

com um cristão, bastando ter um bebê para entrar no Reino de Deus?

Obviamente, sabemos que não é isso que a Bíblia ensina. O termo *salvação* possui diferentes significados. Nem sempre a palavra é usada para tratar da reconciliação com Deus. A interligação entre os diferentes sentidos de “salvação” é o fato de que, na raiz, a palavra significa ser resgatado ou libertado de alguma calamidade ou catástrofe.

Quando os judeus entraram em combate contra os filisteus, parecia que seriam derrotados, até que finalmente o rumo da batalha mudou e eles saíram vitoriosos. Comentando o fato, um judeu diria ter sido “salvo”. Alguém que se recuperasse de uma doença fatal semelhantemente diria ter sido “salvo”, resgatado de uma grande desgraça. Mesmo em nossa cultura as pessoas se expressam dessa forma. Se um boxeador atingido vai à lona e a contagem do juiz é interrompida pelo gongo antes de chegar até dez, dizemos que o boxeador foi “salvo pelo gongo”. Não queremos com isso dizer que ele foi conduzido pelos anjos ao Reino dos céus. O que estamos dizendo é que foi poupado da derrota, pelo menos temporariamente, até o início do próximo assalto.

O sentido mais geral de “salvação” nas Escrituras é ser salvo de calamidades como guerras, doenças, morte ou outros perigos. Mas há uma única desgraça, uma única catástrofe definitivamente severa da qual o resgate é a essência da doutrina bíblica da salvação. Vamos explicá-la em breve. Antes, porém, outro assunto precisa ser abordado como introdução.

Salvação: passado, presente, futuro

Vimos que a palavra *salvação* é empregada com diferentes sentidos e o verbo *salvar* aparece em diversos tempos verbais. É fácil lembrar: vários sentidos gerais, vários tempos verbais. A língua grega possui mais tempos verbais que a nossa. O verbo “salvar” é en-

contrado no Novo Testamento em todos os significados e tempos possíveis no grego. A Bíblia refere-se ao fato de termos sido salvos antes da criação do mundo (Ef 1.4). Nesse trecho, o tempo passado foi enpregado em relação à salvação no sentido mais extremo. Assim, pelo menos em um contexto específico, fomos salvos desde a eternidade “passada”, segundo a sabedoria misteriosa de Deus. Por essa razão Jesus afirmou que haverá um dia em que o Rei dirá: “Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo” (Mt 25.34).

No entanto, a Bíblia também usa o tempo imperfeito e diz que em outro sentido *estávamos sendo salvos*, que a salvação vinda das mãos de Deus para o seu povo é algo em que ele vem trabalhando através dos tempos. Nós somos uma parte do Êxodo no plano redentor de Deus. Nossa salvação estava sendo preparada pelo chamado de Abraão, e *estávamos sendo salvos* por intermédio da vida de Isaque e Jacó.

A Bíblia também se refere à salvação no tempo presente. Há um sentido no qual *somos* ou *estamos* salvos. No momento em que depositamos nossa confiança em Cristo, e somente em Cristo, Deus nos declara justificados. Ele transfere a justiça de Cristo para nossa conta. Estamos seguros nos braços de Jesus. Estamos agora em estado de salvação.

As Escrituras também afirmam que *estamos sendo salvos*. A salvação não é algo que acontece definitivamente. Ela começa quando creio e se desenvolve à medida que cresço em graça e santificação. Esse progresso também é descrito como processo de salvação.

Por fim, elas falam do futuro quando *seremos salvos*. Somos salvos. Estamos sendo salvos. Seremos salvos, visto que aguardamos nossa glorificação com Cristo e a consumação definitiva da nossa salvação. Após essas considerações, podemos perceber como é fácil confundir o que a Bíblia quer dizer com a palavra “salvação”. Diferentes sentidos gerais. Diferentes tempos verbais.

Salvos da ira que há de vir

Ao examinarmos o significado principal da salvação, precisamos voltar à pergunta que fiz anos atrás àquele homem na Filadélfia: “Salvo de quê?”. Na primeira carta de Paulo aos tessalonicenses, o apóstolo escreveu:

... pois eles mesmos relatam de que maneira vocês nos receberam, e como se voltaram para Deus, deixando os ídolos a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro, e esperar dos céus seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos: Jesus, que nos livra da ira que há de vir (1Ts 1.9,10).

Que “ira” é essa que há de vir? Para alguns estudiosos, é uma referência enigmática à ruína iminente de Jerusalém, que de fato ocorreu no ano 70 d.C. Outros entendem como uma referência ao juízo final.

A salvação principal que qualquer ser humano poderá experimentar é o resgate da ira vindoura. Será que cremos que há uma ira ainda por vir? Parece-me que a maior incredulidade em nossa cultura e igreja hoje é a descrença na ira de Deus e na promessa infalível de julgamento para a raça humana.

Eu converso freqüentemente sobre Jesus com as pessoas e ouço declarações como essa: “Sproul, se crer em Jesus é significativo para você, se lhe interessa, se lhe dá algum tipo de consolo ou o que seja, bom para você. Mas eu não preciso de Jesus”.

O que essas pessoas querem dizer? É como alguém afirmar que não precisa de bombeiros porque sua casa não está incendiando. Quem precisaria de bombeiros se não há fogo? Quem precisa de um salvador quando não há nenhuma ameaça evidente de condenação à vista? As pessoas hoje simplesmente não crêem que haverá um dia de juízo. Se, porém, crêssemos nisso, se de fato crêssemos, nosso fervor evangelístico aumentaria significativamente.

No Antigo Testamento, a principal diferença entre o verdadeiro e o falso profeta era que o primeiro anunciava o Dia do Senhor

como um dia de ira devastadora. Ninguém queria ouvir isso, então o falso profeta era aplaudido ao prometer para o povo que o Dia do Senhor seria um dia de esplendor, luzes e gozo, nada que deversem temer. “Deus ama você e tem um plano maravilhoso para sua vida”. A realidade, porém, é que Deus não tem planos maravilhosos para os impenitentes. Para esses, o plano de Deus não parecerá nada agradável no dia do juízo. Deus se manifestará nessa ocasião em toda a sua fúria. Essa foi a mensagem de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Miquéias, Amós e, na verdade, de todos os profetas de Deus. Amós declarou ao povo:

Ai de vocês que anseiam pelo dia do SENHOR! O que pensam vocês do dia do SENHOR? Será dia de trevas, não de luz. Será como se um homem fugisse de um leão e encontrasse um urso; como alguém que entrasse em sua casa e, encostando a mão na parede, fosse picado por uma serpente. O dia do SENHOR será de trevas e não de luz. Uma escuridão total, sem um raio de claridade (Am 5.18-20).

Os cristãos ficam entusiasmados com a volta de Cristo. Ah, que dia feliz! Sim, será um dia feliz para os salvos, mas para os não-salvos a volta de Jesus será a pior de todas as catástrofes concebíveis. Será um dia de desolação, como profetizou Sofonias. Próximo está o grande dia do Senhor. Próximo, chegando sem demora. Será um dia de ira, aflição, angústia, destruição, desolação, trevas, nuvens, negridão. E no dia da ira do Senhor todo o mundo será devastado, pois ele dará fim, de modo terrível, a todos os habitantes da Terra (v. Sf 1.14-18).

Salvo de quê? Ao escrever aos tessalonicenses, Paulo entendia que o Salvador é aquele que nos resgata de uma grande calamidade, na verdade a maior (v. 1Ts 1.10). Jesus é o Salvador que nos salva da ira que está por vir.

Salvos *pelo* Senhor e *do* Senhor

No centro da mensagem bíblica sobre salvação encontramos outro conceito muitas vezes incompreendido pelos pensadores

modernos. Somos salvos *pelo* Senhor. Nenhum ser humano tem recursos, poder, dinheiro ou méritos para se salvar. O poder necessário para o resgate não está em nós. Ele vem de Deus. A salvação é pelo Senhor porque somente ele pode efetua-la.

Há poucos anos estive internado por causa de cálculo renal. Se você já sofreu disso, sabe o que significa a palavra catástrofe. Era Natal e eu estava deitado, assistindo televisão. Ao mudar de canal, vi um culto de adoração sendo transmitido de uma igreja na Califórnia. O pastor estava lendo a história do nascimento de Jesus no livro de Lucas. Eu já tinha ouvido a leitura daquele texto um milhão de vezes. “Hoje, na cidade de Davi, lhes nasceu o Salvador, que é Cristo, o SENHOR” (Lc 2.11). Dessa vez, ao ouvir a história, falei comigo mesmo: “Ah, é exatamente disso que estou precisando neste momento. Preciso de um salvador”. Minha alma estava bem, mas meu rim precisava de salvação, e rápido! Naquele momento Deus conseguiu minha atenção total e eu sabia que precisava ser resgatado.

Os médicos salvaram-me do meu flagelo, mas o único que pode salvar qualquer pessoa da ira que está por vir é o Salvador designado por Deus. A salvação mais importante de todas é efetuada *pelo* Senhor. Entretanto, quando as Escrituras nos afirmam que Deus nos salva, que a salvação é *pelo* Senhor, temos a tendência de esquecer que também somos salvos *do* Senhor.

De que precisamos ser salvos? Precisamos ser salvos *de Deus* — não de cálculos renais, de ciclones ou derrotas militares. Cada ser humano precisa ser salvo *de Deus*. A última coisa no mundo que um pecador impenitente desejaria encontrar do outro lado da sepultura é Deus. Mas a glória do evangelho é que aquele de quem precisamos ser salvos é exatamente aquele que nos salva. Ao nos salvar, Deus nos salva de si mesmo.

Ai daqueles que no dia da ira não tiverem o Salvador. A Bíblia afirma que naquele dia os incrédulos gritarão às montanhas para

que caíam sobre eles, às colinas para que os cubram. As pessoas buscarão refugiar-se na própria natureza, chorando e gritando: “Cubram-nos! [...] Caiam sobre nós!”. Há somente uma cobertura, porém, capaz de proteger quem quer que seja da ira que está por vir. É a cobertura da justiça de Cristo.

Quando depositamos a fé em Cristo, Deus nos cobre com as vestes da justiça de Cristo que jamais, em hipótese alguma, poderiam ser o alvo da ira de Deus. Quem corre para Jesus tem paz com Deus e está livre de toda condenação.

Quando houve aquela grande desgraça nos dias de Noé, chegou o dia do Senhor e quase todos os habitantes da terra pereceram no Dilúvio. Para Noé e sua família, porém, o dia do Senhor foi um dia de salvação. Para o descrente, é um dia de trevas, sem nenhuma luz. Para o cristão, é um dia de luz sem nenhuma escuridão.

Você é salvo? Essa é a pergunta mais importante com que qualquer pessoa poderá se defrontar.

Quando refletimos por um instante sobre a dimensão assustadora do derramar desenfreado da ira de Deus, nossa alma estremece. Quando admitimos que merecemos ser consumidos por sua fúria, entendemos que essa fúria consumiu a Jesus em nosso lugar e reconhecemos a extensão do perigo que corríamos, só então somos capazes de enxergar a grandeza da salvação que ele nos concedeu. Como escaparemos se negligenciarmos tão grande salvação?

2

Uma auto-imagem despedaçada

O fato de ficarmos chocados com a idéia de que somos salvos *de* Deus revela dois erros fundamentais na nossa compreensão. Não compreendemos quem é Deus e quem somos nós. Temos uma visão muito inferior de Deus e muito superior da humanidade. Essa foi a descoberta dolorosa de Isaías quando teve um vislumbre da santidade de Deus que lhe foi revelada. Naquele encontro, Isaías entendeu, pela primeira vez na vida, quem é Deus. Foi também a primeira vez que entendeu quem ele mesmo era. Então, condenou a si mesmo, gritando: “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros...” (Is 6.5).

A descoberta de Isaías abalou sua auto-imagem. A visão que teve de Deus o deixou completamente desconcertado. Mas a sua experiência não é a única nos registros bíblicos. Nas Escrituras, parece que cada pessoa que tem um encontro com o Deus vivo repentinamente se desespera e sofre uma grave crise de identidade. O ego fica reduzido a pó.

Vivemos em uma das culturas mais narcisistas de todos os tempos. Segundo a mitologia grega, Narciso apaixonou-se pela própria imagem ao vê-la refletida nas águas límpidas de uma fonte. Esse relato é um mito. Nossa história é real.

Há alguns anos, um estudo internacional envolvendo estudantes mediu a correlação entre o domínio da Matemática e a avaliação do

próprio desempenho na disciplina. Os estudantes americanos ficaram em sétimo lugar — posição final — no domínio da matéria. No entanto, apareceram em primeiro na avaliação da autoconfiança sobre o próprio desempenho. Parece que nossos alunos estão aprendendo mais sobre auto-estima do que dominando matemática! Estamos ensinando as pessoas a desenvolver uma auto-imagem exagerada ao mesmo tempo em que elas têm um desempenho ruim.

A auto-estima elevada e a santidade de Deus

O esforço narcisista teve êxito. Não estamos preocupados com a ira de Deus porque subestimamos a gravidade do nosso pecado. Nossa auto-estima é um escudo que protege nossos olhos da santidade divina. Entretanto, vemos em toda a Bíblia o modo como Deus quebra o ego dos homens. Encontramos isso não apenas na experiência de Isaías, mas de muitos outros homens.

Vejamos a história do rei Belsazar. Quando deu um grande banquete, no qual se gabava de suas vitórias sobre Israel e zombava de Deus bebendo nos cálices sagrados, repentinamente foi interrompido:

... de repente apareceram dedos de mão humana que começaram a escrever no reboco da parede, na parte mais iluminada do palácio real. O rei observou a mão enquanto ela escrevia (Dn 5,5).

Então Daniel relata a reação do rei:

Seu rosto ficou pálido, e ele ficou tão assustado que os seus joelhos batiam um no outro e as suas pernas vacilaram. Aos gritos, o rei mandou chamar... (Dn 5,6,7).

Quando surgiu a mão de Deus, o rei “ficou pálido”. Essa mudança estava diretamente ligada a seus pensamentos perturbados. Embora ele não soubesse o significado das palavras naquele momento, certamente sabia que não eram boas notícias. Deus não estava escrevendo o evangelho na parede. Belsazar ficou tão atordoado que suas pernas amoleceram e os joelhos fraquejaram.

Em instantes, a confiança do rei foi arruinada e sua arrogância, destruída. Sua auto-imagem esfaļhou-se e ele não sobreviveu àquele dia, como a escrita na parede previu. Foi assassinado naquela mesma noite, e seu reino foi tomado.

A gravidade do pecado

Em um dos meus livros infantis que enviei a uma editora evangélica, o editor do texto mudou todas as referências à palavra “pecado”. O termo foi substituído por “escolhas infelizes”. Questionei sobre a razão das mudanças, e ele me respondeu: “Não queremos despertar nas crianças uma auto-imagem negativa”.

A melhor auto-imagem que podemos ter é aquela que seja, de fato, precisa e verdadeira. A Bíblia deixa claro que temos nosso valor enquanto criaturas formadas à imagem de Deus. Não negamos que a vida humana seja sagrada, visto que cada pessoa foi criada à imagem de Deus. Mas essa imagem foi manchada. Ela foi corrompida pelo pecado.

Enquanto subestimarmos a gravidade do nosso pecado, não temeremos a Deus. Estaremos satisfeitos com o nosso desempenho, iludindo-nos com a crença de que ele é suficiente para satisfazer um Deus santo. Era exatamente esse o caso do jovem rico que procurou Jesus (v. Lc 18.18-23).

Esse jovem estava muito animado. Ouvira Jesus falando sobre o Reino de Deus e ficou entusiasmado. Então, foi a Jesus e perguntou: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (v. 18). Obviamente ele estava intrigado com a idéia de viver para sempre. Parecia algo maravilhoso. Queria ter seu nome na lista imediatamente. Mas o que Jesus respondeu? Quais foram suas primeiras palavras? Ele olhou para o homem e disse: “Por que você me chama bom? [...]. Não há ninguém que seja bom, a não ser somente Deus (v. 19)”.

Alguns críticos usam essa resposta para argumentar contra a impecabilidade e perfeição de Cristo. Entendem as palavras dele como uma negação da sua bondade e divindade. Mas não é isso que Jesus está dizendo. Ele percebeu que o jovem não tinha a menor idéia de quem era aquele com quem conversava. Chegou-se a Cristo com uma atitude arrogante e leviana, munido de uma compreensão superficial sobre bondade. É possível que com essas palavras estivesse tentando bajular Jesus. Entretanto, Cristo não se deixou seduzir por nada disso e confrontou o homem por sua conduta: “Por que você me chama bom? [...]. Você não sabe que somente Deus é bom?”.

Jesus percebeu que aquele jovem rico e importante não o reconhecia como Deus encarnado. Como ele não sabia que estava conversando com o Homem-Deus, era evidente o uso superficial do termo *bom*. Percebemos que Jesus não desafiou diretamente o conceito simplista do homem a respeito da *bondade*. Antes, à moda socrática, Jesus o desafiou com uma série de perguntas. Falou da Lei, conduzindo-o direto aos Dez Mandamentos:

Você conhece os mandamentos: “Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe”. “A tudo isso tenho obedecido desde a adolescência”, disse ele (Lc 18.20,21).

A maneira como o jovem reagiu revelou sua decepção. Evidentemente, esperava ouvir dos lábios de Cristo um profundo segredo espiritual. Ele não estava interessado nas respostas tradicionais que ouvira dos rabinos: “Não matarás. Não furtarás. Não cometerás adultério. Guarde a Lei.”. Ele disse: “A tudo isso tenho obedecido desde a adolescência”. Nesse instante, Jesus poderia ter dito: “Suponho que você não estava presente quando preguei o Sermão do Monte e expliquei o significado pleno da Lei. Se você entendesse a Lei como a revelei, perceberia que não guardou nem ao menos um dos mandamentos desde que saiu da cama nesta manhã”. Mas Jesus não agiu assim. Em vez de dizer que o homem não havia guar-

dado a Lei, confrontou-o com essa realidade. Em certo sentido, Jesus o conduziu diretamente ao primeiro mandamento, que ordena não ter outros deuses. Instruiu-o a vender seus bens e dar o dinheiro aos pobres. Então, o moço se afastou entristecido, pois era muito rico. Falhou logo no teste do primeiro mandamento.

É surpreendente quantos “homens ricos e importantes” encontramos hoje na igreja e em todo o mundo. Milhares de pessoas estão certas de que irão para o céu por acreditarem que guardam os Dez Mandamentos. Não compreendem que ninguém é justificado pela prática da Lei, mas mediante a fé em Jesus Cristo (v. Gl 2.16). Se acreditamos que entraremos no céu por guardar a Lei, estamos iludidos pelo pior dos enganos. Se vivermos pela Lei, morreremos pela Lei.

O padrão perfeito de Deus

Há pouco tempo eu conversava com uma senhora que me contou a experiência que teve com seu filho de quase seis anos. A mãe, muito dedicada à evangelização, perguntou ao menino:

— Você acha que, depois de crescer e viver, irá para o céu quando morrer?

O garoto parecia muito confiante de que iria para o céu. Então, a mãe resolveu sondá-lo um pouco mais e perguntou:

— Imagine que você esteja diante de Deus e ele lhe pergunte: “Por que eu deveria deixá-lo entrar no céu?”. O que você responderia?

O garoto pensou por um instante, olhou para a mãe e disse:

— Bom, se Deus me perguntasse isso, eu diria: “Porque fiz tudo que pude para ser bom”. — Então seu rosto mostrou um olhar confuso, e ele disse:

— Quero dizer... não tão bom assim.

Achei o menino muito esperto para uma criança de seis anos, porque muitos de nós nutrimos a idéia de que a única coisa neces-

sária para nos tornarmos aceitáveis diante de Deus no dia do juízo é o fato de que nos esforçamos muito, demos o melhor de nós e procuramos ser, no fundo, pessoas boas. No entanto, mesmo uma criança de seis anos, com uma compreensão limitada da perfeição de Deus e um entendimento imaturo a respeito da sua condição pecaminosa, teve de pensar duas vezes. Ele percebeu que sua bondade não era assim tão grande.

Aliás, “não era assim tão grande” é eufemismo. Não estamos nem mesmo *próximos* de ser suficientemente bons. Eu diria que o maior e mais freqüente erro cometido pelos seres humanos é a pressuposição de que sobreviverão ao juízo de um Deus santo com base no próprio desempenho.

O que você diria a Deus se ele lhe perguntasse: “Por que razão eu deveria deixá-lo entrar no céu?”. Como responderia a essa pergunta? Como você se apresentará diante de Deus? Isso nos leva ao problema do nosso estado decaído. Aquele menino que afirmou ter se esforçado para ser bom, mas percebeu que não era bom o bastante, ainda estava partindo de outro pressuposto errado. Para ele, seu pecado estava apenas na superfície, algo que mal ofendia a imagem de Deus. Entretanto, faltava-lhe uma compreensão precisa do grau e intensidade do seu afastamento de Deus. Todos admitimos que nenhum de nós é perfeito. Quando pergunto às pessoas se elas são pecadoras, praticamente todas admitem que são. Normalmente elas dizem: “Ninguém é perfeito”. Ser pecador não lhes parece uma questão muito grave. Afinal de contas, “errar é humano, perdoar é divino”. Esse ditado parece sugerir sutilmente o pressuposto de que, se Deus é divino, tem a obrigação de nos perdoar.

Sem temor de Deus

A razão de nunca alcançarmos o padrão de justiça ou perfeição que Deus exige de nós, nem espelharmos ou refletirmos sua grandeza é, em parte, porque não compreendemos qual é esse padrão.

Estamos tão distantes da santidade de Deus em nossa maneira de pensar que nos tornamos cegos em relação ao pecado. Vivemos em uma cultura na qual todos fazem o que julgam correto aos seus próprios olhos, esquecendo-se de que a perspectiva de Deus é que determina o que é certo.

Em Romanos 3, Paulo descreve nossa natureza caída:

Como está escrito:

“Não há nenhum justo,
nem um sequer;
não há ninguém que entenda,
ninguém que busque a Deus.

Todos se desviaram,
tornaram-se juntamente inúteis;
não há ninguém
que faça o bem,
não há nem um sequer”.

“Suas gargantas
são um túmulo aberto;
com suas línguas enganam”.

“Veneno de serpentes
está em seus lábios”.

“Suas bocas estão cheias
de maldição e amargura”.

“Seus pés são ágeis
para derramar sangue;
ruína e desgraça marcam
os seus caminhos,
e não conhecem
o caminho da paz”.

“Aos seus olhos é inútil
temer a Deus” (Rm 3.10-18).

Paulo chega ao âmago da questão: “Aos seus olhos é inútil temer a Deus”. Será que tememos a Deus? Será que temos uma atitude de

honra e reverência? Será que as palavras de Paulo nos parecem inteiramente estranhas e distantes? Deus nos criou à sua imagem. Ao fazê-lo, introduziu em nossa constituição humana a capacidade e necessidade de reverenciarmos nosso Criador. Sabemos que Deus é digno de ser honrado, reverenciado e adorado por nós. Sabemos que é nosso dever moral oferecer isso a ele. Mas há tanto tempo temos sido desobedientes que não o tememos mais. Nós rimos dele. Achamos que ele não pode nos tocar ou ferir. Nosso pecado vai até esse ponto. Não está apenas na superfície. Não significa simplesmente que falhamos e nos afastamos de Deus, mas significa que em nosso estado natural somos, na realidade, inimigos de Deus.

Já chegamos a este mundo caídos. Por descendermos de Adão, nascemos com uma natureza corrompida. É isso que significa “pecado original”. A expressão não se refere ao pecado que Adão e Eva cometeram, mas sim ao *resultado* daquele primeiro pecado. Refere-se à nossa condição e tendência pecaminosas, uma inclinação da qual brota o pecado propriamente dito. Em outras palavras, *nós pecamos porque somos pecadores*. Não somos pecadores porque pecamos. Desde a queda da humanidade, faz parte da natureza humana ser inclinada e atraída para a pecaminosidade. Eu peço porque sou pecador. Davi disse: “Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe” (Sl 51.5).

Agostinho talvez seja mais conhecido pela seguinte oração: “Ó Senhor, fizeste-nos para ti e nosso coração não descansará até que encontre repouso em ti”. Entretanto, uma das suas orações menos conhecidas provocou uma das mais graves controvérsias na história da Teologia. Agostinho orou: “Deus, concede o que exiges e exige o que desejas”. O fato de um teólogo dizer “Ó Deus, exige o que desejas” certamente não faria história, mas a primeira parte da oração — “... concede o que exiges...” — causou uma tempestade de fogo. Por que Agostinho pediria a Deus que nos concedesse aquilo que ele exige de nós? Agostinho estava, na verdade, se digladiando

com a questão da gravidade da nossa condição decaída. Por um lado, Deus diz: “Seja perfeito”. Ele exige perfeição, mas nascemos em um estado de corrupção que nos tornou moralmente incapazes, por nossas forças ou habilidades, de atender às exigências divinas. Somente poderemos ser obedientes aos mandamentos de Deus se ele nos ajudar, estendendo sua graça e nos capacitando a realizar aquilo que espera de nós. Era o que Agostinho tinha em mente quando disse: “... concede o que exigés...”.

Quando um monge ficou incomodado com a declaração de Agostinho, a questão tornou-se uma controvérsia teológica de grandes proporções. O monge que se opôs à oração de Agostinho chamava-se Pelágio. Ele argumentou que Deus nunca exige o impossível. As exigências de perfeição da parte de Deus significam que temos condições de ter um desempenho perfeitamente reto. Segundo Pelágio, a Queda trouxe conseqüências graves ao homem, mas não lhe tirou a capacidade de alcançar a perfeição. Se Deus exige perfeição de pecadores caídos, então com certeza temos condições de atingi-la. Pelágio argumentava que a graça nos ajuda a desenvolver a retidão, mas não é indispensável. Podemos ser perfeitos por conta própria.

A ponto de ser quebrados

Tanto Agostinho quanto a Igreja rejeitaram veementemente esse conceito. Somos pecadores incapazes de vencer o pecado por nós mesmos. É por causa do pecado e da sua gravidade que precisamos de um salvador. Precisamos de alguém que nos salve da ira que há de vir.

Nossas melhores obras não são suficientes para satisfazer o padrão divino de justiça. Na definição de Agostinho, nossos melhores esforços são uma “grande depravação”. Vangloriamo-nos do nosso desempenho porque o avaliamos em um gráfico, comparando-nos aos outros. Enquanto houver pessoas que pareçam mais pecadoras

do que nós, elogiaremos nossas virtudes. Isso é insensatez, como mostrou o apóstolo Paulo:

Não temos a pretensão de nos igualar ou de nos comparar com alguns que se recomendam a si mesmos. Quando eles se medem e se comparam consigo mesmos, agem sem entendimento. Nós, porém, não nos gloriamos além do limite adequado, mas limitaremos nosso orgulho à esfera de ação que Deus nos confiou... (2Co 10.12,13a).

Enquanto cometermos a tolice de nos julgar em relação a nós mesmos ou às pessoas, teremos uma auto-estima instável. Estaremos a ponto de ser despedaçados. Pois quando vislumbrarmos o verdadeiro padrão do caráter santo de Deus, ficaremos achatados e encolhidos como os muitos Humpty Dumptys que estão por aí.¹ Teremos uma queda tão feia que nem todos os cavalos e homens do rei serão capazes de reparar o estrago.

Nossa alma danificada precisa mais do que um rei humano para ser resgatada da ira de Deus. Precisamos de um remédio mais eficaz. Precisamos de reconciliação. Precisamos da cruz.

¹Personagem de Lewis Carrol no livro *Alice do outro lado do espelho*, continuação de *Alice no país das maravilhas*. É um ovo em forma de homem que vive em cima de um muro tentando manter o equilíbrio. O dicionário define como homem achatado ou homem baixo e gordo [N. do T.].

SEGUNDA PARTE
Salvo por meio de quê?

3

Salvo *por meio de* quê?

Vimos que o grande paradoxo e ironia da fé cristã é sermos salvos *por* Deus e *de* Deus. O Deus perfeito e santo, que exige que sua justiça seja satisfeita e não fecha os olhos para o pecado, decretou desde os tempos eternos que ele mesmo proveria a salvação exatamente àqueles que, por seus pecados, estão sujeitos à sua ira e juízo.

O meio *pelo* qual Deus efetua essa grande salvação pode ser descrito como o aspecto mais crucial da obra de Cristo. De fato, sua obra é o ponto essencial da questão. Na penúltima frase usei de propósito um termo originário da palavra latina *crux*, que significa “cruz”. Outras palavras nossas originam-se desse vocabulo latino.

Marcas e logotipos

Fico muitas vezes impressionado com o esforço dos profissionais de propaganda da Madison Avenue. Uma máxima que já se tornou indiscutível no ramo dos negócios diz: “Anunciar sempre dá retorno”. Posso até contestar essa afirmação, mas enquanto a contesto estou usando uma camisa, calças e sapatos que vi em um anúncio. A caneta que estou usando para escrever estas palavras eu vi anunciada em um lugar por onde passei com o carro que, a propósito, também encontrei em um anúncio.

Os empresários vivem lutando para abocanhar uma fatia maior do mercado. Estão profundamente preocupados com o reconhecimento do próprio nome. A cada ano, bilhões de dólares são gastos com a contratação de designers para criar ou aperfeiçoar logomarcas, aqueles pequenos símbolos, imagens ou figuras que identificam uma marca, um produto ou uma empresa. Há pessoas que roubam emblemas de Mercedes para dizer que tem, ao menos, o símbolo de um carro de luxo.

Costuma-se dizer que o logotipo mais conhecido nos Estados Unidos é o que tem uma forma engraçada, à semelhança de uma gravata-borboleta. Diz respeito à uma marca de automóvel vinculada no folclore americano à maternidade e à torta de maçã. A “gravata-borboleta” é a logomarca da General Motors.

Deixando de lado os negócios e nos concentrando no campo da fé, observemos o símbolo universal do cristianismo: a cruz. Ela cristaliza a essência do ministério de Cristo. Capta a mais profunda dimensão de sua extraordinária paixão. A cruz é tão central no cristianismo que Paulo, usando uma hipóbole, disse que estava decidido a não pregar nada, a não ser Cristo, e este, crucificado (ver 1 Co 2.2). Usando palavras ao invés de tinta e tela, ou talhadeira e pedra, Paulo emprega uma técnica que mais tarde grandes artistas denominaram “momento frutífero”. Rembrandt e Michelangelo rascunhavam inúmeras cenas da vida de seus modelos antes de escolher aquela que perpetuariam pela sua arte. Michelangelo, por exemplo, buscou captar a essência de Davi em determinada pose. Para Paulo, o momento frutífero da vida e do ministério de Jesus era a cruz. Em certo sentido, todos os escritos de Paulo são comentários desse ato decisivo, o ministério para o qual Jesus havia nascido e fora batizado. Ele caminhou inflexivelmente para o momento que a teologia chama de a Grande Paixão de Cristo, antes da qual suou gotas de sangue. Tudo na vida de Jesus convergiu para esse ponto, culminando com sua morte.

Se pudéssemos ler o Novo Testamento como se fôssemos a primeira geração a ouvir a mensagem, creio que ficaria claro e cristalino que esse acontecimento — a crucificação de Cristo, juntamente com sua ressurreição e ascensão — era o ponto central da pregação, ensino e evangelização dirigidos à comunidade daquela época. Se é fato que a cruz tem importância central no cristianismo bíblico, é essencial que os cristãos tenham alguma compreensão a respeito de seu significado em termos bíblicos. Isso vale para qualquer geração, mas creio que seja necessário sobretudo à nossa.

A importância da cruz

Ao longo dos dois mil anos de história do cristianismo, duvido que tenha havido um momento em que a importância, centralidade e necessidade da cruz tenha sido um assunto tão controverso quanto nos dias de hoje. Nunca na história cristã a necessidade de expiação foi tão contestada. Historicamente, houve momentos do cristianismo em que surgiram teologias que consideravam a cruz de Cristo um acontecimento dispensável. Declaravam que esse fato certamente tinha valor, mas, em última análise, não era algo de que as pessoas de fato necessitassem ou que lhes fosse fundamental.

Acho intrigante a quantidade de pessoas que me explicam que o motivo de não serem cristãs não é tanto por contestarem as afirmações do cristianismo, mas porque jamais foram convencidas de que precisam de Cristo. Quantas vezes você mesmo falou com pessoas que disseram: “Pode até ser verdade, mas eu não sinto que precise de Jesus”, ou “Não preciso de igreja”, ou “Não preciso do cristianismo”? Quando ouço declarações como essas, eu me entristeço. Estremeço só de pensar nas conseqüências, se essas pessoas persistirem em tais atitudes. Se pudéssemos persuadir a todos sobre quem de fato é Cristo e sobre a verdade de sua obra, ficaria evidente e inegável que todas as pessoas do mundo precisam da cruz e que sem ela simplesmente ninguém seria salvo *de Deus*.

Certa vez, pouco tempo atrás, fui a uma imensa livraria em um *shopping*. Era uma livraria não cristã, com muitas prateleiras de livros. Várias seções da loja eram identificadas com destaque por placas onde se lia “Ficção”, “Não-Ficção”, “Negócios”, “Esportes”, “Auto-Ajuda”, “Sexo e Casamento” e assim por diante. No fundo da loja, havia um local reservado à Religião. Havia mais ou menos quatro prateleiras. Era a menor seção da loja. O material exposto dificilmente poderia ser considerado compatível com o cristianismo clássico e ortodoxo. Perguntei para mim mesmo: “O que há com essa loja que aparentemente só quer vender livros de ficção e auto-ajuda, sem dar o devido valor às verdades bíblicas?”. Então, lembrei que os donos não abriram aquela livraria com um propósito cristão, mas para ganhar dinheiro, para ter lucro. Eles não têm muitos livros cristãos porque não há muita gente que entre e pergunte: “Onde posso achar um livro que ensine sobre a profundidade e riqueza da expiação de Cristo?”.

Então pensei: “Talvez em uma livraria cristã eu encontre tal livro com destaque”. Mas não, as livrarias cristãs oferecem pouquíssimas obras sobre a cruz de Cristo. Pensei nisso enquanto estava sentado no *shopping*, observando as pessoas que andavam de um lado para outro. Ocorreu-me, então, um pensamento assustador de que essa multidão de pessoas não se preocupa com o perdão do pecado porque no fundo está convencida de que não precisa de expiação. Esse perdão é algo de que as pessoas simplesmente não sentem necessidade hoje em dia. Elas não se sentem pressionadas pelas perguntas: “Como posso me reconciliar com Deus?” ou “Como posso escapar do juízo de Deus?”.

Se há algo que foi inegavelmente perdido em nossa cultura é a idéia de que os seres humanos devem inevitavelmente prestar contas a Deus por sua vida, individual e pessoalmente. Imagine o que aconteceria se de repente as luzes se acendessem e todos no mundo inteiro declarassem: “É, algum dia estarei diante de meu Criador e

terei de lhe prestar contas de cada palavra proferida, cada ato praticado, cada pensamento acalentado e cada tarefa que deixei de cumprir. Terei de prestar contas”.

Se todos instantaneamente despertassem para esse fato, algumas coisas poderiam acontecer. As pessoas poderiam dizer: “Bom, tudo bem, tenho de prestar contas, mas não é maravilhoso que aquele a quem e diante de quem eu devo prestar contas na verdade não se importa muito com o tipo de vida que eu levo, porque ele entende e não se surpreende com o fato de que homens e mulheres às vezes agem mal?”. Se todos dissessem algo assim, talvez nada mudasse. Se, porém, as pessoas entendessem duas coisas — que Deus é santo e que o pecado é uma ofensa contra sua santidade — então elas poriam abaixo as portas das nossas igrejas implorando: “Que devo fazer para ser salvo?”.

Nós podemos gostar de pensar que não precisamos de um salvador, mas a expiação, a cruz e o cristianismo operam com base na premissa de que nós necessitamos desesperadamente de salvação. Talvez a nossa cultura moderna não aceite essa premissa, mas isso não diminui a necessidade de que de fato existe.

Lamento que hoje nos Estados Unidos a doutrina da justificação predominante não seja a da justificação somente pela fé. Nem pelas boas obras ou por uma combinação de fé e obras. Hoje a idéia de justificação que predomina em nossa cultura é a da justificação pela morte. Tudo o que as pessoas precisam fazer para serem recebidas nos braços eternos de Deus é morrer. Isso é tudo o que se requer. A morte de algum modo apagaria o nosso pecado — não há a necessidade de expiação.

Um teólogo amigo meu costuma dizer que na história da igreja há somente três tipos de teologia. Há uma infinidade de escolas teológicas com diferenças sutis, mas em última análise há apenas três tipos de teologia: o pelagianismo, o semipelagianismo e o agostinismo. Quase toda igreja, na história eclesiástica ocidental e

oriental, enquadra-se em uma dessas três categorias. O semi-pelagianismo e o agostinismo representam debates significativos dentro da família cristã, com diferenças de opinião entre os cristãos quanto à interpretação bíblica e à teologia. Mas o pelagianismo, em suas várias formas, não envolve somente questões dentro dos limites de uma mesma fé. Ele é, na melhor das hipóteses, subcristão e, na pior, anticristão. O pelagianismo do século IV, o socinianismo dos séculos XVI e XVII e o que denominaríamos liberalismo, entendido como uma teologia distinta em nossos dias, são essencialmente não cristãos, porque no centro dessas concepções está a negação da expiação propiciada por Jesus Cristo — uma negação da cruz como ato que satisfaz a justiça divina. Há séculos, o cristianismo ortodoxo entende a expiação como condição *sine qua non* para a fé cristã. Elimine a cruz como ato de expiação e não há mais cristianismo.

Não significa que o pelagianismo, o socinianismo e o liberalismo não vejam a importância da cruz de Cristo. Eles declaram que a cruz nos mostra Jesus morrendo como exemplo moral para a humanidade, como um herói existencialista, alguém que nos inspira por sua entrega e devoção ao auto-sacrifício e a preocupações humanistas. Mas esses exemplos de moral estão longe do conceito de expiação.

Quando eu estava no seminário, um de meus colegas pregou um sermão na aula de Homilética sobre Cristo como cordeiro que morreu na cruz por nós. Quando concluiu, o professor estava furioso. Começou a atacar verbalmente o aluno antes mesmo de ele deixar o púlpito. Em sua fúria ele disse: “Como você ousa pregar sobre a visão substitutiva da expiação nos dias de hoje?”. Ele via a visão substitutiva da expiação, na qual uma pessoa morria pelos pecados de outros, como uma concepção ultrapassada e fora de moda. Ele rejeitava categoricamente a cruz como uma espécie de transação cósmica pela qual somos reconciliados com Deus.

Se, porém, eliminarmos o ato de reconciliação de Cristo do Novo Testamento não restará nada além de moralismos, pelos quais não

vale a pena convencer ninguém a se entregar. No pelagianismo e no liberalismo não há salvação e não há salvador porque não há convicção de que a salvação seja necessária.

A necessidade da cruz

Eu disse que existem basicamente três tipos de teologia. Há também, historicamente, três interpretações básicas com respeito à necessidade da expiação. Existem aqueles que, como os pelagianistas e socinianistas, crêem que a expiação é totalmente desnecessária. Depois existem aqueles para quem a expiação é apenas *hipoteticamente* necessária.

Para entendermos o que isso significa, precisamos prosseguir com calma. A necessidade “hipotética” da expiação refere-se à idéia de que Deus poderia ter escolhido maneiras distintas para nos salvar, mas optou por nos redimir pela cruz. O método que escolheu foi a expiação, mas poderia ter escolhido muitos outros. Poderia simplesmente ter optado por fazer vistas grossas ao pecado do homem, mas decidiu fazer algo dramático e comprometeu-se a pôr esse plano em prática. Uma vez que se comprometeu e decidiu que deveria haver a expiação, ela se tornou necessária, mas somente *de pacto* — ou seja, em virtude de uma aliança ou pacto que ele firmou, uma promessa de que agiria de determinada maneira. A promessa era desnecessária. Não havia nenhuma necessidade de fazê-la, mas ele a fez. E, por isso, entregou-se para cumpri-la. É isso que significa a necessidade hipotética de expiação.

A terceira interpretação, que é a interpretação cristã ortodoxa e, estou convencido, a concepção bíblica, é que a expiação não é apenas hipoteticamente necessária para a salvação do homem, mas extremamente indispensável.

Por que a expiação é indispensável? Tratarei dessa questão no próximo capítulo. No entanto, a título de introdução, gostaria de dizer que o ponto central da questão, retomando o pelagianismo,

relaciona-se ao entendimento da natureza e do caráter de Deus, bem como à natureza do pecado. Se compreendermos erroneamente o caráter de Deus ou a natureza do pecado, inevitavelmente chegaremos à conclusão de que a expiação é dispensável.

Ainda como introdução, quero dizer três coisas sobre a natureza do pecado, de uma perspectiva bíblica. As Escrituras descrevem o pecado humano de três formas distintas. Em primeiro lugar, trata-se de uma dívida, uma omissão em fazer o que era nossa obrigação. O Deus Criador nos deu certas responsabilidades pelas quais prestaremos contas. Se não cumprimos essas responsabilidades, estamos em falta. Em segundo lugar, biblicamente o pecado é um sinal de inimizade — uma violação do relacionamento que os seres humanos deveriam ter com seu Criador. Quando pecamos contra Deus, rompemos esse relacionamento. Não transmitimos amor, afeição ou dedicação ao nosso Criador, e sim uma espécie de hostilidade que precisamos resolver. Em terceiro lugar, a Bíblia apresenta o pecado como um crime contra Deus, uma ofensa contra sua santidade, uma transgressão de sua Lei.

À medida que examinarmos o que precisa ser feito para restaurar o relacionamento entre Deus e a humanidade caída, é importante ter em mente esses três conceitos com clareza. Se houve um crime, temos de lidar com as sanções penais. Se alguém contraiu uma dívida, deve efetuar o pagamento. Se há inimizade em um relacionamento, se ele foi violado, deve ser restaurado.

4

A linda história da redenção

No final do capítulo anterior, com o objetivo de entender por que é preciso haver expiação, fizemos uma rápida análise das três dimensões do pecado cometido pela humanidade contra Deus. Concentrei a atenção nessa necessidade tripla para desenvolvê-la em uma espécie de modelo simétrico. Agora que vamos nos concentrar de forma mais aprofundada nesses três pontos, veremos também que há três atores principais nessa linda história da redenção — o homem, o Deus Pai e o Deus Filho encarnado, em sua obra como Messias e Redentor.

As três dimensões do pecado que precisam ser redimidas são: 1) o pecado enquanto uma dívida, 2) o pecado enquanto um ato de inimizade e 3) o pecado enquanto um crime. Para compreendermos o aspecto da dívida do pecado, precisamos entender, antes de tudo, o papel de Deus como criador e soberano do universo.

A soberania de Deus possui muitas faces. Refere-se a seu domínio absoluto sobre a natureza, sobre a história e sobre todos os negócios da humanidade. Na verdade, concentra-se em sua autoridade sobre toda a criação. Soberania pressupõe autoridade e a palavra *autoridade* contém uma outra palavra: *autor*. Como autor de todas as coisas, Deus tem autoridade sobre toda a sua criação. Ele governa e tem domínio sobre tudo o que cria e possui. De modo

intrínseco e absoluto, Deus tem o direito de impor obrigações a suas criaturas. Ele tem o direito e o poder de comandar o brilho da luz e o movimento das estrelas. Em nossa cultura há muita confusão em relação à natureza da autoridade. Quando falamos em autoridade devidamente constituída, referimo-nos a uma pessoa ou organização com o direito de impor obrigações. Se alguém com autoridade sobre mim dá uma ordem moralmente correta, essa pessoa tem o direito de impô-la e eu tenho a responsabilidade de cumpri-la. Senão, terei que receber uma punição.

É disso que estamos falando quando nos referimos à autoridade de Deus. Ele tem poder para impor obrigações a suas criaturas e exigir obediência: “... consagrem-se e sejam santos, porque eu sou santo...” (Lv 11.44). Deus não governa por referendo ou plebiscito. Ele não apresenta dez sugestões ou recomendações para Israel. Ele dá mandamentos: “Farás isso” ou “Não farás isso”. É o que poderíamos chamar de lei “apodíctica”¹ — lei oriunda da noção da autoridade e soberania absolutas.

O pecado como dívida

Se Deus nos impõe obrigações e não somos capazes de cumpri-las, contraímos uma dívida. Assim, Deus torna-se credor. Ele é aquele com quem estamos em débito. Jesus nos descreveu como devedores que não podem pagar suas dívidas. Uma coisa é dever e ser capaz de pagar por um financiamento a longo prazo. Mas a dívida que temos no que se refere à nossa obediência a Deus é impossível ser quitada em parcelas ou de qualquer outra maneira. Por quê? Vejamos. Qual é a obrigação ética que Deus impõe a suas criaturas? Até que ponto devemos ser íntegros? Até que ponto o mandato divino exige moralidade de nós? A resposta é a seguinte: devemos ser impecáveis — nada menos que moralmente

¹Incontestável ou indiscutível [N. do E.].

perfeitos. Mas somos como Lady Macbeth. Depois de cometer um assassinato, ela tentou desesperadamente limpar o sangue das mãos, mas a mancha era indelével. Não havia como livrar-se dela. O problema da nossa obrigação com Deus é que somos chamados para ser perfeitos e temos essa responsabilidade. Contudo, se pecamos, não importa quantas vezes, como poderemos ser perfeitos? Qual seria o juro a ser pago além do valor principal da dívida para remover a mancha? O que eu preciso fazer para me tornar perfeito depois de ter-me tornado imperfeito? Não posso fazer absolutamente nada. Se alguém tiver uma única mancha moral, será impossível apagá-la. Melhor dizendo, será impossível para *nós* apagá-la. As boas-novas são que Deus (e somente Deus) pode removê-la.

“Venham, vamos refletir juntos”,

diz o SENHOR.

“Embora os seus pecados sejam vermelhos como escarlate,

eles se tornarão brancos como a neve;

embora sejam rubros como púrpura,

como a lã se tornarão” (Is 1.18).

Em nossa cultura, tentamos escapar às conseqüências do pecado declarando: “Todo mundo tem uma segunda oportunidade”. Chegamos até mesmo a elevar essa suposição ao nível do merecimento quando dizemos: “Todos merecem uma segunda oportunidade”. Mas quem disse que alguém merece? Será que alguém mereceria uma nova chance por justiça? Na verdade, a segunda oportunidade chama-se graça. A segunda oportunidade chama-se misericórdia. E elas jamais serão merecidas. Não podem ser merecidas. Se fossem, seriam justiça, e não graça e misericórdia. Graça merecida não é graça. Dizer que a criatura merece receber do Criador uma segunda oportunidade é pura insensatez. Mesmo que essa noção absurda fosse verdadeira, que bem nos traria? Quantas vezes usamos nossa segunda oportunidade no passado?

Nosso problema não está no fato de sermos criaturas quase irrepreensíveis no aspecto moral, com apenas uma sujeirinha manchando uma ficha impecável. As Escrituras nos descrevem como pessoas lamentavelmente incapazes em termos de obediência a Deus. Não se trata de termos sido manchados por um pecadinho ocasional. Nossos pecados são muitos e graves, tão graves que é impossível saldar a dívida.

Se alguém me dissesse: “Sproul, nosso balanço financeiro diz que você nos deve R\$ 10.000,00. Vamos fazer um acerto e você pagará sua dívida aos poucos até liquidá-la”, eu poderia lidar com isso. Mas o que faria se alguém me dissesse: “Você me deve R\$ 10 bilhões e tem três dias para pagar”? Eu teria condições? Sim, é possível. Pode ser que eu consiga os R\$ 10 bilhões em três dias. A possibilidade existe, mas as probabilidades seriam astronomicamente remotas. Esse cenário não representa uma analogia verdadeira porque, por mais remotas que sejam as probabilidades, existiria a possibilidade de que eu pudesse quitar meu débito. Mas, no que se refere à minha dívida com Deus, a capacidade de saldá-la está além das minhas possibilidades. Não posso quitá-la de nenhuma maneira.

Como Cristo me ajuda a pagar essa dívida? Qual é a função que ele exerce em sua obra como nosso Redentor? O Novo Testamento nos explica. Cristo é a nossa “garantia” (v. Hb 7.22). “Garantia” é uma palavra usada na área de finanças, da mesma forma que “dívida”. Os autores bíblicos usaram uma linguagem empresarial para ilustrar o assunto. Cristo é a nossa garantia, porque somente ele avaliza nossa nota promissória. Ele assume nossa dívida e paga o que deve ser pago.

O pecado como ato de inimizade

Não desobedecemos a Deus porque não o amamos profundamente. Desobedecemos porque temos uma hostilidade em relação a ele desde que nascemos. A Bíblia diz que somos inimigos de Deus por natureza. Nossa condição pecaminosa nos faz sentir uma anti-

patia natural em relação ao domínio dele sobre nós. Portanto, no que diz respeito à inimizade, Deus é a parte insultada ou ofendida. Isso não quer dizer que ele seja nosso inimigo. Somos nós que o desrespeitamos. Deus nunca deixou de cumprir uma promessa. Jamais rompeu um pacto. Jamais deixou de cumprir um juramento que nos tenha feito ou tratou qualquer ser humano injustamente. Jamais desrespeitou a mim ou a você. Ele se manteve totalmente fiel no relacionamento conosco. Nós, porém, o desrespeitamos. Ele é a parte insultada, e não nós.

Essas coisas podem parecer elementares. São verdades simples que aprendemos aos domingos na escola bíblica. Mas subestimamos ou esquecemos a grande hostilidade que temos, por natureza, em relação a Deus. Há milhares de pessoas zangadas com Deus porque, no íntimo, sentem que ele foi injusto com elas. “Como Deus pôde permitir que isso acontecesse comigo?”, é uma queixa comum. A afirmação, não verbalizada, é esta: “Se Deus fosse realmente bom, realmente justo, teria reconhecido meu mérito e me tratado conforme mereço. Teria me dado mais do que possuo. Deus não é justo”. Essa queixa está enraizada em nosso íntimo.

Precisamos entender que, quando analisamos o assunto pela perspectiva bíblica, Deus é a parte insultada, e não nós. “Ei, espere um pouco”, argumentamos, “Deus não sofre. Nós é que sofremos. Ele não precisa atravessar o vale de lágrimas que nós temos de atravessar neste mundo. A felicidade de Deus é completa. Ele é eternamente feliz, mas nós somos felizes de vez em quando e desgraçadamente infelizes na maior parte do tempo”. Então, como é possível dizer que Deus é a parte insultada? Podemos dizer isso porque ele é perfeito e mesmo assim nós o insultamos. Deus não merece os insultos que lançamos contra ele.

Posso dizer a Deus que ele me impõe um sofrimento injusto? Certamente, eu posso sofrer injustamente nas mãos de outras pessoas. Sabemos que existe uma grande injustiça entre as pessoas nes-

te mundo, quando uma rouba, mente, engana ou prejudica a outra. No plano horizontal existem todos os tipos de injustiça.

Quanta injustiça, porém, é cometida verticalmente por Deus contra o homem? Se alguém me desrespeita e eu me torno vítima de uma injustiça, posso dizer: “Deus, preciso que o Senhor me vingue e repare o erro dessa injustiça cometida contra mim”. Mas não posso dizer: “Deus, por causa do nosso relacionamento, o Senhor não poderia ter permitido que essa injustiça fosse cometida contra mim”. Posso até dizer isso, mas não serei justo. Nada do que me possa acontecer neste mundo me dá o direito de atacar a integridade de Deus em seu relacionamento comigo.

Deus é a parte desrespeitada — não nós. O papel exercido por Cristo em nossa redenção é a de mediador. O que faz um mediador? Onde ele se posiciona? Ele se coloca no meio, um lugar não muito valorizado. Em casos de desavença, em geral o mediador ouve as reclamações de ambos os lados. É o mesmo que atuar como juiz ou árbitro entre dois lutadores. O mediador quase sempre se torna um pára-raios humano, atraindo fúrias de ambos os lados.

Quando falamos em mediação, pensamos em *reconciliação*, um tema crucial no cristianismo bíblico. O objetivo da mediação na disputa entre o operário e o patrão é chegar a uma reconciliação. O papel do mediador é aproximar as duas partes nos pontos em que as negociações anteriores fracassaram. Se não existir necessidade de reconciliação, não é preciso um mediador. A reconciliação é necessária apenas em casos de desavença — somente quando um relacionamento é rompido.

A Bíblia fala de um relacionamento pessoal rompido, um relacionamento quebrado entre duas partes — Deus e o homem. Existe uma desavença entre Deus e o homem, e a reconciliação é necessária. É nessa situação de desavença, de ruptura, que Cristo atua como mediador. Ele é nosso supremo mediador. Paulo escreveu:

Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos (1 Tm 2.5,6a).

O fato de Cristo ter vindo ao mundo para mediar um relacionamento rompido suscita a pergunta: “Quem está furioso com quem?”. Quem está separado de quem? Sem dúvida, nós estamos separados de Deus e manifestamos essa inimizade por meio de uma constante desobediência. E quanto à outra parte? É correto afirmar que Deus está afastado de nós? Está zangado conosco? Quando faço essa pergunta a um auditório, parece que estou olhando para estátuas. Ninguém responde. Será que o silêncio significa um consentimento óbvio? Penso que não. Às vezes, a resposta é mais ou menos esta: “Deus está decepcionado, não zangado”. A tendência é abafar a idéia de que a ira dele é real. Mas a revelação bíblica mostra que Deus se desagrada profundamente com nossas ofensas e, como a parte insultada, Deus, o Pai, zanga-se com nosso pecado.

Embora muitas pessoas neguem a realidade da ira de Deus, a Bíblia menciona claramente o exemplo de outras que relutam em negá-la. Mas quase sempre sucumbem de uma forma ou outra. Substituem uma distorção por outra. Esse erro ocorre quando Deus, o Pai, é considerado um ser tão consumido pela ira em relação a nós que exige a intervenção bondosa e benevolente do Filho para nos aproximar dele — Deus, o Pai, fica irado com o homem, mas Deus, o Filho, identifica-se de maneira tão próxima com nossa condição pecaminosa e com nossas necessidades que, em seu amor, paciência e compaixão, posiciona-se ao nosso lado e age como mediador para aplacar a ira do Pai. Essa visão sugere uma tensão ou divisão dentro da Divindade, como se o Pai tivesse um plano e o Filho precisasse convencê-lo a mudar de idéia. O Pai fica zangado e deseja aplicar um castigo, enviar todos para o Inferno, até o momento em que o Filho intervém e o faz desistir de seus intentos. Essa visão sugere que Jesus está dizendo: “Que o

castigo recaia sobre mim. Eu devo sofrer em lugar deles. Não desejo apenas mediar a discussão; quero também absorver a raiva. Descarregue-a em mim, e não neles. Que eu seja o pára-raios, e que tua ira seja derramada sobre mim”.

Essa cena pode parecer ridícula, mas reflete um debate levantado por alguns teólogos experientes em um nível extremamente técnico. Essa idéia também está sendo amplamente divulgada e aceita entre os cristãos “comuns”. Eu me pergunto por que os cristãos evangélicos tendem a ser “unitaristas”², concentrando-se quase exclusivamente na Segunda Pessoa da Trindade. Por que existe uma paixão, um amor e uma afeição tão grandes por Jesus, enquanto o Pai, em geral, é deixado de lado no estudo, devoção e liturgia cristãos? Como pode? Talvez exista a seguinte noção: “Está bem, podemos nos relacionar com Jesus, mas com o Pai é uma outra questão. Precisamos continuar a temê-lo porque é ele quem se zanga”. No entanto, quando pensamos dessa maneira, esquecemo-nos daquele que em primeiro lugar teve a idéia de nos enviar um mediador. O Mediador não veio ao mundo por conta própria. Deus amou o mundo de tal maneira que “deu”, que “enviou” seu Filho. Esses dois verbos são encontrados repetidas vezes na Bíblia. O Pai envia o Filho. O Pai dá o Filho para nossa redenção:

Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude, e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão nos céus, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz. Antes vocês estavam separados de Deus e, na mente de vocês, eram inimigos por causa do mau procedimento de vocês. Mas agora ele os reconciliou pelo corpo físico de Cristo, mediante a morte, para apresentá-los diante dele santos, inculpáveis e livres de qualquer acusação (Cl 1.19-22).

²Segundo o Dicionário Houaiss, ramo protestante surgido no século XVI que rejeita o dogma da Trindade e defende a unidade pessoal de Deus [N. do E.].

O pecado como crime

A terceira dimensão do pecado é sua característica criminosas. Nesse caso, Deus atua como governador e juiz. Deus é o Supremo Juiz em todas as questões de justiça. Ele é o padrão supremo de retidão. Seu caráter é o padrão supremo de justiça. Ele, pessoalmente, é o juiz do céu e da terra. Não é Cristo quem atua como juiz na linda história da redenção. Jesus foi elevado à função de juiz apenas no momento da sua ascensão aos céus e isso tem um significado muito importante. Em sua vinda ao mundo, porém, ele esteve sob julgamento e sua função foi a de sacerdote/vítima. Ele veio para ser julgado em nosso lugar.

A esta altura, precisamos compreender a importante diferença entre uma simples dívida e um crime. As duas coisas têm algo em comum. O crime é, na verdade, uma espécie de dívida. Uma dívida moral. Na teologia histórica fazia-se uma distinção entre dois tipos de dívida: a pecuniária (monetária) e a penal (moral). A diferença entre uma dívida pecuniária e uma dívida moral pode ser compreendida pela seguinte ilustração.

Suponhamos que eu entre em uma sorveteria e veja um garotinho pedir duas bolas de sorvete em uma casquinha. A mulher do outro lado do balcão serve o sorvete e diz ao garotinho:

— São dois reais.

Com ar triste, o menino diz:

— Minha mãe só me deu um real.

O que eu faria se presenciasse tal fato? O que qualquer adulto benevolente faria. Colocaria a mão no bolso, tiraria um real e o daria à mulher para completar a dívida pecuniária do garotinho. No momento em que entrego o dinheiro, estou resgatando uma dívida em moeda corrente. A mulher deve aceitá-lo como pagamento pelo sorvete do garotinho. A dívida monetária é totalmente paga. O menino não deve mais nada à mulher.

Suponhamos, porém, que a cena se desenrole de maneira diferente. Digamos que a mulher entregue o sorvete ao garotinho e diga: “O sorvete custa dois reais”. No mesmo instante o garotinho sai correndo com o sorvete, sem pagar nada. Mas, ao sair dali, ele se depara com um policial que o obriga a entrar novamente na sorveteria.

Nesse momento eu digo: “Espere. Eu pago o que ele deve. Deixe-o ir embora”. Você acha que a proprietária da sorveteria ou o policial deveriam concordar em deixar o garotinho ir embora? De maneira alguma. Ao fugir da sorveteria, o garoto cometeu um furto. Cometeu um crime. Seu problema agravou-se, passando de uma dívida monetária para uma dívida moral. Além do problema financeiro, foi cometido um crime, ocorreu uma violação da justiça, alguém agiu incorretamente. Quem é a única pessoa que tem o direito de decidir se o dinheiro deve ou não ser aceito para saldar a dívida total do menino? Aquela que foi lesada. Se a dona da sorveteria não fizer uma acusação formal, o garotinho estará livre. Mas não existe uma exigência — legal ou moral — que a obrigue a desistir de formalizar a queixa. Essa decisão seria um ato de graça.

Quando eu peço contra Deus, Jesus paga o preço de minha dívida. Para que o pagamento seja aceito, o Juiz — que é ao mesmo tempo a parte insultada — precisa decidir e decretar que aceitará o pagamento feito em meu favor. Se eu devo ser punido com a morte por ter pecado contra Deus, mas Jesus disse: “Eu morrerei por ele”, entregando sua vida em meu lugar, será que Deus teria a obrigação de aceitar esse pagamento? De forma alguma. Antes de tudo, o governador do universo precisa decidir se aceitará um pagamento substituto para que eu seja inocentado do meu crime. Deus, o Pai, tomou essa decisão por causa da sua imensa graça.

Deus exige que a justiça seja feita. O preço necessita ser pago. A dívida deve ser paga na totalidade, tanto no sentido pecuniário quanto penal. Ele julga nosso crime. Nosso crime é punido. Deus

não negocia sua justiça. Mas, ao mesmo tempo, nossa dívida e o castigo pelo crime que cometemos são pagos por um substituto. Assim, a cruz reflete a justiça e a misericórdia perfeitas. Sem essa substituição, a graça de Deus não existiria. Sem a cruz, a justiça e a retidão de Deus não existiriam. Vemos nessa transação o que Paulo quis dizer quando afirmou que Deus é “justo e justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3.26).

5

Cristo, nosso resgate

Tenho certeza de que em três ocasiões no ministério de Jesus, principalmente perto do fim, ele se sentiu frustrado com seus discípulos. Na última viagem da Galiléia para Jerusalém, ele concentrou a atenção em sua hora final e preparou os discípulos para sua morte na Cidade Santa. Eles, porém, não assimilaram a mensagem. Não entenderam as palavras que Jesus lhes disse. Lemos no evangelho de Marcos:

Eles estavam subindo para Jerusalém, e Jesus ia à frente. Os discípulos estavam admirados, enquanto os que o seguiam estavam com medo. Novamente ele chamou à parte os Doze e lhes disse o que haveria de lhe acontecer. “Estamos subindo para Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios, que zombarão dele, cuspirão nele, o açoitarão e o matarão. Três dias depois ele ressuscitará” (Mc 10.32-34).

No momento seguinte, os discípulos mudaram de assunto e começaram a discutir sobre qual deles se sentaria à direita de Jesus em seu reino. Cristo estava se preparando para seu grande sofrimento e seus amigos mais próximos já discutiam sobre a herança. Foi nesse contexto que Jesus disse algo muito significativo para compreendermos a palavra expiação:

Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos. Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.42-45).

Quando Jesus teve que declarar de modo sucinto, comovente e vívido qual era a finalidade do seu ministério para que os discípulos compreendessem, ele o descreveu em termos de dar sua vida como resgate.

O conceito de *resgate* no Novo Testamento está por trás de um termo mais amplo: *redenção*. No contexto bíblico, redentor é aquele que oferece um resgate. A palavra grega traduzida por “resgate” é *lutron*.

Uma das primeiras palavras aprendidas no grego básico é o verbo *luo*, que significa “soltar”, “libertar”, “desamarrar”. O conceito de resgate é construído sobre a raiz de “perder algo”, libertar algo que está sendo mantido em cativeiro. No mundo antigo, a idéia de resgate era mais ou menos semelhante à que temos em nosso idioma. Quando pensamos em resgate, lembramo-nos de seqüestro, o rapto de uma pessoa por alguém que exige pagamento para libertá-la. Os seqüestradores desejam um pagamento monetário. Esse conceito é semelhante ao que vigorava na Antigüidade. O resgate era o preço pago para libertar um escravo. Os reféns mantidos em cativeiro durante os conflitos militares eram libertados mediante um resgate.

Quem estabelecia o preço do resgate? O valor não era estabelecido por um grupo de comerciantes que calculava a média do mercado. Era estabelecido, a princípio, pelo dono do escravo ou pelo seqüestrador. Ele determinava o preço do resgate e a pessoa que estava tentando negociar a liberdade do refém, escravo ou seqüestrado decidia se o valor era razoável.

Muitas teorias a respeito da expiação têm sido desenvolvidas. A explicação para a existência de um número tão grande de teorias é

que a Bíblia descreve a cruz como um evento de muitas faces. Várias figuras de linguagem são usadas para descrevê-la. Existem diferentes tipos de salvação e todos convergem para esse único momento da história da redenção. Uma das figuras usadas no Novo Testamento para descrever esse evento multifacetado é a figura do resgate — um resgate pago para redimir um cativo. A redenção gira em torno disso — ser libertado. O povo de Israel do Antigo Testamento foi redimido de forma semelhante. Deus foi o redentor quando libertou seu povo da escravidão no Egito. O Êxodo é uma história sobre redenção.

Uma das teorias da expiação que tem gerado polêmica na história da igreja — a chamada teoria do resgate — diz que, em sua morte na cruz, Jesus pagou um resgate a Satanás, porque este tornou o homem seu prisioneiro. Ele mantém a humanidade acorrentada e se assemelharia a um seqüestrador que teria nos arrebatado da casa do nosso Pai. Cristo vem ao mundo e paga o resgate para nos libertar.

A propósito, desejo acrescentar outro elemento presente de forma muito clara na visão da Bíblia a respeito da expiação: o elemento conhecido por *Christus Victor*. Esse elemento chama a atenção para a vitória cósmica sobre os poderes e principados demoníacos mediante a obra de Cristo. Ele veio para destruir a obra do demônio, derrotar Satanás e seu poder sobre nós.

Não pretendo minimizar de forma alguma o destaque dado pelo Novo Testamento à vitória de Cristo. Ele venceu as forças demoníacas e hostis de Satanás contra nós. Vemos essa antítese e a luta titânica travada desde o início do ministério de Jesus quando o Espírito Santo o conduziu ao deserto para ser tentado por Satanás. Depois de Cristo ter resistido à tentação, lemos, como se fosse um pós-escrito, que Satanás “o deixou até ocasião oportuna” (Lc 4.13). O afastamento não foi permanente. Poderíamos dizer que foi estratégico para ele descobrir uma forma melhor de inves-

tir novamente contra Cristo. O conflito esteve presente durante todo o ministério de Jesus. E a Bíblia diz que, em sua morte, Cristo derrotou Satanás.

Sim, existe um elemento muito claro sobre a luta entre Cristo e os poderes e principados de Satanás. Isso, porém, não significa que Cristo pagou um resgate a Satanás. Pense nisso por alguns instantes. Se Cristo pagou um resgate para nos libertar das garras de Satanás, quem foi o vitorioso? O seqüestrador não deseja ter a posse permanente da criança. Ele a usa como meio de extorsão para receber o resgate. Se ele conseguir forçar os pais a pagarem o resgate, será o vencedor.

Se o resgate fosse pago a Satanás, o vitorioso teria sido ele. Não haveria *Christus Victor*. Haveria *Satanus Victor*. No entanto, segundo a Bíblia, o resgate não foi pago ao criminoso, mas ao responsável pelo preço da redenção — àquele que é a parte ofendida, a parte insultada em todo o processo do pecado. E quem é ele? Repetindo, é Deus, o Pai. Jesus, como servo, se oferece em pagamento ao Pai para nos resgatar.

Substituição e quitação

Até os estudiosos mais criteriosos que rejeitam o ponto de vista bíblico da expiação às vezes admitem que as Escrituras Sagradas retratam dois conceitos indiscutíveis incluídos na expiação: *substituição* e *quitação*. O fato de os escritores do Novo Testamento terem apresentado o ministério de Jesus na cruz em termos de resgate exige um entendimento mais amplo do significado de “substituição” e “quitação”. Em situações de resgate, o preço é pago *por* outra pessoa, e não pelo seqüestrado. A exigência do resgate é *quitada* por um *substituto*. Karl Barth afirmou, de forma eloqüente, que a palavra grega mais importante de todo o Novo Testamento é a palavra *hyper*, traduzida por três palavras: “em favor de”. “Eu dou a minha vida pelas ovelhas” — “em favor de” minhas ovelhas. “Eu

dou a minha vida em favor de muitos.” Em favor de, em favor de, em favor de — este é um refrão muito usado por Jesus para explicar sua missão aqui na terra.

Quando contemplamos um quadro no museu, coçamos a cabeça e pensamos: “O que será que o artista quer dizer com esta obra?”. Podemos especular o que ele tinha em mente quando pintou o quadro, que mensagem pretendia transmitir. A questão, no entanto, seria prontamente respondida se pudéssemos perguntar ao próprio autor do quadro. Alguns artistas dão respostas evasivas: “Eu simplesmente o pinte — a interpretação é por sua conta. Pode significar o que você entende que ele significa”. É assim que os artistas existencialistas costumam responder — recorrendo ao puro subjetivismo.

Felizmente, Jesus não era existencialista. Quando apresentou seu plano, falou na primeira pessoa e comunicou a seus ouvintes o objetivo de sua missão. O ponto central de seus ensinamentos é: Jesus não estava empenhado em salvar a si mesmo; estava se oferecendo como substituto, agindo em nosso favor.

Expição e propiciação

Quando abordamos o assunto expiação do ponto de vista técnico, duas palavras nos vêm à mente reiteradas vezes. Em geral, essas duas palavras — “expição” e “propiciação” — geram confusão e debate.

Sabemos que o prefixo *ex* da palavra *expição* significa remover ou eliminar algo. Em termos bíblicos significa eliminar a culpa, removê-la por meio do pagamento de um resgate ou oferecendo uma expiação; significa pagar a punição por um erro cometido. Portanto, o ato de expiação remove o problema por meio de um pagamento — pagando a punição ou o resgate — ou por meio de um sacrifício com o objetivo de atender a uma exigência. A propiciação, em contrapartida, está relacionada com o objeto da

expição. Os prefixos nos dão a pista para nos lembrarmos disso. *Ex* significa “longe de” ou “fora de”. *Pro*, em geral, significa “para” ou “em frente de”.

A propiciação está relacionada com a mudança da atitude de Deus quando somos restaurados para entrar em comunhão com ele e ser merecedores de seu favor. Essas palavras nos dão a idéia de que Deus está sendo pacificado. Sabemos o que a palavra *pacificação* significa nos conflitos políticos e militares. Lembre-se dos chamados políticos da pacificação. Se houver conquistador com uma espada sedenta na mão, é melhor ceder-lhe a Polônia para não correr o risco de provocar uma guerra-relâmpago. Tentamos aplacar sua ira e apaziguá-lo oferecendo-lhe algo que o satisfaça, para impedi-lo de atacar nosso país e nos destruir. Essa é uma forma de pacificação, apesar de injusta.

A mesma palavra grega (*hilasmos*) pode ser traduzida por “expição” ou “propiciação”. Mas há uma diferença importante nos significados. Expição é o ato que resulta na mudança da atitude de Deus em relação a nós. Expição é a obra de Cristo na cruz. O resultado da obra de expiação de Cristo é que Deus se torna propício a nós. E a consequência é que somos reconciliados com ele. Essa seria a distinção entre o resgate pago e a atitude de quem recebe o resgate.

O único conceito presente tanto na expiação como na propiciação é o apaziguamento. A obra de Cristo teve o objetivo de aplacar a ira de Deus. Esse conceito de abrandar a ira de Deus tem surtido pouco efeito para abrandar a ira dos teólogos modernos. Eles ficam furiosos diante da idéia de aplacar a ira de Deus! Consideram uma indignidade o fato de Deus precisar ter sua ira aplacada — de nós termos que fazer algo para acalmá-lo ou apaziguá-lo. Admito que precisamos ser muito cautelosos quando se trata de compreender a ira e o apaziguamento da ira de Deus. Quero, no entanto, lembrá-lo que o conceito de aplacar a ira de Deus não tem relação alguma

com um ponto de vista periférico ou superficial da teologia, mas com a própria essência da salvação.

Quando falamos de salvação da perspectiva bíblica, precisamos lembrar do que somos salvos em última análise. Somos salvos da ira que está por vir, a ira de Deus. Não podemos compreender a missão de Cristo e nem a sua cruz sem relacionarmos os ensinamentos de Jesus sobre o juízo final. Ele advertiu constantemente o povo de que, um dia, o mundo inteiro será submetido a julgamento. Tudo o que é feito dissimuladamente ou em segredo se tornará visível. Jesus disse que o mundo será submetido ao juízo final. A teologia de Cristo foi uma teologia de “crise”. A palavra grega *krisis* significa “julgamento”. A crise sobre a qual Jesus pregou foi a do julgamento iminente do mundo, o momento em que Deus derramará sua ira sobre os não-remidos, os ímpios e os impenitentes. A única esperança de escaparmos é estarmos cobertos pela expiação de Cristo. A conquista suprema alcançada na cruz é que Cristo aplacou a ira de Deus, que poderia ser derramada sobre mim se eu não estivesse coberto pelo sacrifício de seu Filho.

6

Bênção ou maldição?

Quando estudamos a cruz de Cristo, vemos que foi algo planejado com tamanha importância e significado que se torna fácil compreender que não se tratou de um evento isolado na história que surgiu espontaneamente. Sem dúvida, a expiação de Cristo foi o ponto culminante, o ápice da história redentora iniciada muitos séculos antes. Em épocas remotas, Deus começou a mover seu plano que atingiu o auge com a morte de Jesus.

Expição e aliança

Por ter sido criado segundo a tradição da Reforma, meu maior desejo é que entendamos a obra de Cristo na expiação dentro de um contexto mais amplo denominado “aliança”. É impossível compreendermos totalmente a morte de Cristo sem antes entendermos o processo inteiro da aliança revelada no Antigo e no Novo Testamento.

Por exemplo, quando foi ao cenáculo, local da última ceia, na véspera da crucificação, Jesus tinha plena consciência de estar celebrando um ritual de pacto ou de aliança. Disse aos discípulos que desejava muito celebrar a Páscoa com eles. Preparou-se cuidadosamente para encontrar-se com eles a fim de comemorar a principal cerimônia e “sacramento” da antiga aliança. No decorrer da ceri-

mônia, ele deu novo significado aos antigos sinais. Instituiu uma nova aliança ao partir o pão e beber o vinho, dizendo: “Isto é o meu corpo dado em favor de vocês” e “Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vocês” (Lc 22.19,20), ou seja, para a remissão de pecados. Repentinamente, o símbolo do vinho deixou de se referir apenas ao evento da Páscoa, durante a qual o sangue de um cordeiro era espalhado nas ombreiras das portas para que o anjo da morte poupasse os filhos de Israel. Agora, o vinho era servido com um novo significado sacramental: o sangue que seria derramado por Cristo na sua morte expiatória. No decorrer da conversa de Cristo no cenáculo, há muitas referências à *aliança*.

Para compreender um componente vital da expiação, precisamos ler o livro de Deuteronômio no Antigo Testamento. Ali aparecem alguns termos da aliança feita por Deus com o povo de Israel. Se estudarmos os fundamentos das alianças celebradas no mundo antigo, veremos que, embora o conteúdo fosse diferente de uma cultura para outra, existiam determinados componentes e aspectos praticamente universais. Sempre que um acordo legal era estabelecido, a parte principal se identificava e relatava detalhadamente sua história para a parte subordinada na aliança. Isso ocorreu com os sumérios, os hititas e outros povos da Antigüidade, e também com os judeus.

Quando estabeleceu a aliança, Deus identificou-se dizendo: “Eu sou o SENHOR, o teu Deus, que te tirei do Egito” (Dt 5.6). Ele fez um prólogo histórico antes de estabelecer os termos da aliança, chamados de “cláusulas”.

Qualquer aliança ou pacto possui cláusulas. Quando nos casamos, assumimos uma aliança. Prometemos certas coisas — amar, honrar, obedecer e assim por diante. Quando assinamos um contrato de trabalho com um empregador, concordamos em trabalhar tantas horas por dia. O empregador concorda em oferecer compensação e benefícios. Esses benefícios estão vinculados ao cumpri-

mento de exigências específicas, ou seja, só serão recebidos se o trabalho estiver de acordo com o contrato.

Bênçãos e maldições da aliança

No mundo antigo, todas as alianças continham sanções. Em geral, essas sanções eram divididas em duas partes. Incluíam recompensas e punições. As recompensas eram concedidas para quem observasse os termos e cláusulas do acordo. As punições eram aplicadas em casos de violação. No Antigo Testamento a recompensa por observar a aliança chama-se “bênção”. A punição por descumpri-la chama-se “maldição”.

Deuteronômio 28 especifica os termos da aliança feita por Deus com o povo de Israel:

Se vocês obedecerem fielmente ao SENHOR, o seu Deus, e seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos que hoje lhes dou, o SENHOR, o seu Deus, os colocará muito acima de todas as nações da terra. Todas estas bênçãos virão sobre vocês e os acompanharão, se vocês obedecerem ao SENHOR, o seu Deus (v. 1,2).

As promessas se seguem em uma repetição longa e detalhada.

Vocês serão abençoados na cidade e serão abençoados no campo. Os filhos do seu ventre serão abençoados, como também as colheitas da sua terra e os bezerros e os cordeiros dos seus rebanhos. A sua cesta e a sua amassadeira serão abençoadas. Vocês serão abençoados em tudo o que fizerem (v. 3-6).

Se os termos forem cumpridos, se os mandamentos forem obedecidos, o povo receberá as promessas de Deus:

Eu os abençoarei quando vocês se levantarem, eu os abençoarei quando se sentarem, eu os abençoarei quando estiverem em silêncio, eu os abençoarei quando falarem, eu os abençoarei quando estiverem na cidade, eu os abençoarei quando estiverem no campo, eu os abençoarei quan-

do estiverem nas estradas, eu os abençoarei quando estiverem no mar. Onde quer que vocês estejam, em tudo o que fizerem, eu os abençoarei.

Em seguida, viramos a página. Depois das maravilhosas promessas de bênçãos, deparamo-nos com um sinistro “entretanto”.

Entretanto, se vocês não obedecerem ao SENHOR, o seu Deus, e não seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos e decretos que hoje lhes dou, todas estas maldições cairão sobre vocês e os atingirão: Vocês serão amaldiçoados na cidade e serão amaldiçoados no campo. A sua cesta e a sua amassadeira serão amaldiçoadas. Os filhos do seu ventre serão amaldiçoados, como também as colheitas da sua terra, e os bezeros e os cordeiros dos seus rebanhos. Vocês serão amaldiçoados em tudo o que fizerem (v. 15-19).

Notamos um paralelo nessa passagem, um paralelo de antíteses no qual a maldição se contrapõe diretamente à bênção. Se desobedecermos, seremos amaldiçoados quando nos levantarmos, amaldiçoados quando nos sentarmos, amaldiçoados quando entrarmos na cidade, amaldiçoados no campo, amaldiçoados no mar. Nossos filhos serão amaldiçoados, nosso rebanho será amaldiçoadado, nossos cães serão amaldiçoados, nosso gato será amaldiçoadado, nosso padeiro será amaldiçoadado. Observe a grande extensão da maldição de Deus. Ela estende-se ao longo de toda a vida.

Abençoado: na presença de Deus

Para compreendermos essas sanções é necessário primeiro entender qual era o significado da palavra *bênção* para os judeus. Os tradutores da Bíblia enfrentam essa questão quando deparam com as bem-aventuranças de Jesus. Alguns falantes da língua inglesa traduzem a palavra grega por *happy* [felizes]: “Felizes os pobres em espírito”. Receio que a preocupação desses tradutores em modernizar o texto usando uma linguagem mais acessível ao público, “corrigindo” as expressões arcaicas, os tenha forçado a substituir o

profundo conceito de *abençoado*¹ por uma palavra menos adequada. Existe um significado teológico especial e muito importante na palavra *abençoado*, e ele não tem nenhuma conotação com a palavra *feliz*. Se traduzirmos *abençoado*² por *feliz*, estaremos empobrecendo o conteúdo.

Para os judeus, ser abençoado significava receber o supremo favor que alguém poderia esperar da mão de Deus. Minha forma favorita de explicar isso é examinando a clássica bênção hebraica:

O SENHOR te abençoe e te guarde;
o SENHOR faça resplandecer
o seu rosto sobre ti
e te conceda graça;
o SENHOR volte para ti o seu rosto
e te dê paz (Nm 6.24-26).

Observe a estrutura poética e o ritmo dessa bênção. Encontramos aqui um modelo literário hebraico chamado paralelismo. Há diferentes tipos de paralelismo. Aqui temos duas formas em ação. Primeira, a bênção contém três afirmações, cada qual com duas partes. A primeira afirmação diz: “O SENHOR te abençoe e te guarde”. Ela contém duas súplicas: ser abençoado e guardado por Deus. Ser guardado por Deus é ser preservado sob a sua providência benevolente. A história do povo judeu foi, e continua a ser, uma história de instabilidade. Como nação, raramente eles têm desfrutado uma paz duradoura. No mundo antigo, esse pequenino país se situava entre a África, a Ásia e a Europa. Era uma espécie de joguete nas mãos dos principais poderes mundiais. O desejo de estabilidade e permanência estava profundamente enraizado no coração dos judeus. Ser preservado, mantido e sustentado por um longo período eram os objetivos da oração da bênção.

¹Ou *bem-aventurado*, conforme consta na NVI [N. do T.].

²Ibid.

Na segunda forma, os três versos da bênção constituem um exemplo de paralelismo de sinônimos. Na essência, eles têm o mesmo significado. A mensagem é transmitida por meio de palavras diferentes para dar riqueza e diversidade ao texto poético. Chamo atenção para isso porque o primeiro verso contém uma afirmação: “O SENHOR te abençoe e te guarde”, e os dois versos seguintes explicam a maneira pela qual os judeus entendiam a bênção: que o rosto de Deus resplandeça sobre você; que a luz do semblante de Deus brilhe sobre você. A bênção suprema seria contemplar o rosto de Deus. Quando lemos outras passagens do Antigo Testamento, vemos que, para o povo judeu, bênção significava a proximidade da presença de Deus. Quanto mais próximo da presença de Deus, maior era a bênção. Quanto mais afastado do rosto de Deus, menor era a bênção.

A maldição de Deus é exatamente o oposto da bênção. Se desejássemos transformar a bênção tradicional em maldição, ela seria mais ou menos assim: “Que o Senhor te amaldiçoe e te destrua. Que o Senhor te vire as costas e te condene. Que o Senhor esconda de ti o brilho de seu semblante, te lance nas trevas e te dê confusão”. Essa seria a maldição da aliança, em oposição à bênção.

Em resumo, para os judeus, ser abençoado era estar próximo de Deus. Nossa cultura teve uma pequena prova disso durante o Movimento dos Direitos Civis nos EUA, na década de 1960. Uma das canções populares desse movimento era “Não seremos abalados”. As palavras dessa canção foram extraídas do salmo 46:

Deus é o nosso refúgio e a nossa fortaleza,
auxílio sempre presente na adversidade.
Por isso não temeremos,
ainda que a terra trema
e os montes afundem no coração do mar,
ainda que estrondem as suas águas turbulentas
e os montes sejam sacudidos pela sua fúria.

Há um rio cujos canais alegam a cidade de Deus,
o Santo Lugar onde habita o Altíssimo.
Deus nela está! Não será abalada!
Deus vem em seu auxílio desde o romper da manhã.
Nações se agitam, reinos se abalam;
ele ergue a voz, e a terra se derrete.
O SENHOR dos exércitos está conosco;
o Deus de Jacó é a nossa torre segura (v. 1-7).

O salmo descreve uma época de sofrimento, tumulto e inquietação. É uma época assustadora. Mas mesmo em meio a adversidades, a certeza da presença de Deus transmite confiança. O povo não será abalado porque Deus está no meio dele. A imagem de Deus na presença de seu povo era representada pela disposição das tendas no deserto. Quando o povo de Israel acampava no deserto, as tendas eram armadas de acordo com as instruções dadas por Deus. As tribos acampavam em círculo. No centro do acampamento ficava o tabernáculo ou a “tenda da presença de Deus”. A tenda de Deus era armada no meio do povo, como que afirmando: “Eu estou aqui”.

Amaldiçoado: separado da presença de Deus

Embora o povo de Israel celebre a presença de Deus e as bênçãos recebidas por meio dela, não existem hinos que celebrem a maldição divina. Maldição significa estar separado da presença de Deus, ser lançado para fora, nas trevas, longe do resplendor do seu rosto. As trevas eram o lugar de habitação dos gentios — “fora do acampamento”. Era o território ocupado por pessoas que estavam fora da aliança, consideradas “impuras”. Essas pessoas eram forasteiras à casa de Israel.

Os rituais da cerimônia do Dia da Expição, no Antigo Testamento, representavam essas coisas. A maioria do povo sabia que no Dia da Expição eram sacrificados animais no altar como ofertas de

sangue. Porém, nesse ato dramático de redenção havia um animal que não era sacrificado no altar: o bode expiatório.

Quando Arão terminar de fazer propiciação pelo Lugar Santíssimo, pela Tenda do Encontro e pelo altar, trará para a frente o bode vivo. Então colocará as duas mãos sobre a cabeça do bode vivo e confessará todas as iniquidades e rebeliões dos israelitas, todos os seus pecados, e os porá sobre a cabeça do bode. Em seguida enviará o bode para o deserto aos cuidados de um homem designado para isso. O bode levará consigo todas as iniquidades deles para um lugar solitário. E o homem soltará o bode no deserto (Lv 16.20-22).

Nessa cerimônia, os pecados do povo eram transferidos simbolicamente para o bode. Mas ele não era morto. Era levado para fora do acampamento. Era levado para o deserto, para o lugar de trevas, para o lugar afastado do resplendor do rosto de Deus. De fato, o bode, carregando os pecados do povo, era enviado para o lugar de maldição, fora do alcance da bênção divina.

Jesus, maldição em nosso lugar

Quando lemos o Novo Testamento, encontramos uma afirmação impressionante do apóstolo Paulo com relação à cruz de Cristo:

Aquele que lhes dá o seu Espírito e opera milagres entre vocês realiza essas coisas pela prática da Lei ou pela fé com a qual receberam a palavra? Considerem o exemplo de Abraão: “Ele creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça”. Estejam certos, portanto, de que os que são da fé, estes é que são filhos de Abraão. Prevendo a Escritura que Deus justificaria os gentios pela fé, anunciou primeiro as boas novas a Abraão: “Por meio de você todas as nações serão abençoadas”. Assim, os que são da fé são abençoados junto com Abraão, homem de fé.

Já os que se apóiam na prática da Lei estão debaixo de maldição, pois está escrito: “Maldito todo aquele que não persiste em praticar todas as coisas escritas no livro da Lei”. É evidente que diante de Deus ninguém é justificado pela Lei, pois “o justo viverá pela fé”. A Lei não

é baseada na fé; ao contrário, “quem praticar estas coisas, por elas viverá”. Cristo nos redimiu da maldição da Lei quando se tornou maldição em nosso lugar, pois está escrito: “Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro”. Isso para que em Cristo Jesus a bênção de Abraão chegasse também aos gentios, para que recebêssemos a promessa do Espírito mediante a fé (Gl 3.5-14).

Paulo lembra os gálatas da aliança que Deus fez com Abraão. O patriarca foi chamado por Deus para ser uma bênção para o mundo inteiro. A bênção foi mais ou menos assim: “Vou espalhar essa bênção a partir do centro e a derramarei sobre todas as nações do mundo. Todas as nações serão abençoadas por seu intermédio, para que todos tenham fé e sejam abençoados junto com você”.

Em contraste com essa bênção concedida pela fé, Paulo diz que todo aquele que se apóia na prática da Lei como meio de salvação, todo aquele que confia em suas boas obras e bom comportamento, este está sob maldição. Porque está escrito: “Maldito todo aquele que não persiste em praticar todas as coisas escritas no livro da Lei”. Paulo estava pensando nas palavras escritas em Deuteronômio. Estava se lembrando dos termos da aliança. Qualquer pessoa que deixasse de cumprir um dos preceitos da Lei estava sob maldição. Em seguida, Paulo diz claramente que ninguém é justificado perante Deus pela Lei, porque “o justo viverá pela fé”. A Lei não se baseia na fé. O objeto da fé redentora é Cristo, porque ele — e somente ele — é capaz de eliminar a maldição sobre nós:

Cristo nos redimiu da maldição da Lei quando se tornou maldição em nosso lugar, pois está escrito: “Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro” (Gl 3.13).

Paulo diz que, na cruz, Cristo se tornou maldição em nosso lugar. Assumiu para si todas as sanções negativas das penalidades da Lei e ao tomar para si a maldição, ele cumpriu esta afirmação obscura: “Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro”.

Quando analisamos a complexidade do drama da crucificação de Cristo, notamos alguns fatos surpreendentes. As palavras proféticas do Antigo Testamento foram cumpridas nos mínimos detalhes. A Bíblia diz que o Messias seria entregue aos gentios para julgamento. Jesus foi levado a julgamento durante a ocupação romana. Embora os romanos delegassem certa autoridade aos povos sob seu domínio, eles não permitiam que os legisladores locais decretassem a pena de morte. Os judeus não tinham autoridade para sentenciar Jesus à morte. Eles tiveram que se reunir em conselho e enviá-lo a Pôncio Pilatos, um homem com autoridade para agir em nome dos romanos. Jesus foi entregue por seu povo, os judeus, aos gentios. Foi enviado para “fora do acampamento”. Foi entregue nas mãos dos pagãos, fora do acampamento, onde a face de Deus não brilha, onde o resplendor do rosto de Deus não ilumina ninguém. Jesus foi entregue para ser julgado. Não era costume dos judeus matar ou executar por meio de crucificação. Eles executavam por meio de apedrejamento. A crucificação era o método de morte adotado pelos romanos. Daí o fato de Jesus ter sido “pendurado num madeiro”. Lembre-se, a maldição do Antigo Testamento não recai sobre quem é apedrejado; recai sobre todo aquele que “for pendurado num madeiro”.

Observemos agora o local da execução. Foi fora de Jerusalém. Jesus foi entregue aos gentios em Jerusalém para ser julgado. Uma vez julgado e condenado à morte, foi conduzido à força pela Via Dolorosa, fora dos muros da cidade, até o Gólgota. Da mesma forma que o bode expiatório, ele foi levado para fora do acampamento, para fora da Cidade Santa, onde a presença de Deus estava concentrada. Jesus foi enviado para fora, nas trevas.

Jesus: separado de Deus por nossa causa

Nas horas em que Jesus ficou pendurado na cruz, ocorreu um fenômeno astronômico. Houve trevas no meio da tarde. As trevas

desceram sobre toda a terra. No meio dessa imensa escuridão, que pode ter bloqueado a luz do sol ou obscurecido sua claridade (talvez tenha ocorrido um eclipse total), Jesus clamou em alta voz, gritando em agonia: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mt 27.46). Há várias interpretações para essas palavras de Cristo. Ao ler esse texto, Albert Schweitzer concluiu que Jesus morreu decepcionado. Jesus esperava ser livrado do sofrimento por Deus, mas em sua hora final compreendeu que ele não viria em seu socorro. Portanto, Jesus morreu desiludido e de maneira trágica, como um herói shakespeariano. Outros dizem que essas palavras foram extraídas do salmo 22. Argumentam que Jesus se identificou com o servo sofredor daquele salmo. Afirmam que ele recitou uma poesia por ocasião de sua morte. Eu não duvido de que a fonte das palavras de Jesus fosse o salmo 22 e de que ele soubesse disso. Tenho certeza de que ele leu muitas vezes aquele salmo. Mas penso que deve haver muito mais coisas envolvidas do que apenas uma identificação de Jesus com o salmo.

O hino de minha ordenação foi “É meia-noite no monte das Oliveiras”. Gosto muito desse hino, embora um dos versos me incomode. Ele diz que Jesus “não foi abandonado por Deus”. Alguns teólogos afirmam: “Jesus, em sua condição humana, sentiu-se abandonado na cruz, mas não foi realmente abandonado”. Se Jesus não foi realmente abandonado na cruz, nós continuamos em pecado. Não fomos redimidos. Não fomos salvos. A questão toda em torno da cruz é que, para levar consigo nossos pecados e as sanções da aliança, Jesus teve que sentir a totalidade da maldição. Ele teve que sentir o abandono completo e absoluto do Pai.

O sinal da antiga aliança era a circuncisão. Em certo sentido, tratava-se de um sinal primitivo e obscuro. Por que os judeus cortavam e retiravam o excesso do prepúcio? Esse ritual (que praticam até hoje) tem dois significados — um positivo e outro negativo — e representa as duas sanções da aliança. O significado positivo de

cortar o prepúcio é que Deus estava afastando esse grupo de pessoas das outras, separando-o para ser uma nação santa, para ser uma bênção. O significado negativo é que os judeus estavam dizendo: “Ó Deus, se eu deixar de cumprir qualquer uma das cláusulas dessa aliança, que eu seja cortado de ti, cortado da tua presença, cortado do resplendor do teu rosto, cortado da tua bênção da mesma forma que cortei este excesso de prepúcio”.

A cruz é um reflexo desse sinal e representou o supremo ato de circuncisão. Quando Jesus assumiu sobre si a maldição, identificou-se de tal forma com nosso pecado que se tornou maldição. Deus separou-se dele de maneira justa. Foi um ato de justiça divina. No momento em que tomou sobre si o pecado do mundo, Cristo transformou-se no volume mais grotesco e obscuro de pecado de toda a história do mundo. Deus é tão santo que não se permite sequer olhar para o pecado. Quando Cristo estava pendurado na cruz, o Pai virou, de certo modo, as costas ao Filho. Ele virou o rosto. Apagou as luzes. Afastou-se do Filho, de Jesus, que foi perfeito como homem e teve um relacionamento abençoado com Deus durante toda a sua vida aqui na terra. Afastou-se de Jesus, o Filho amado em quem o Pai se agradava. Naquele momento, ele estava pendurado na cruz, no escuro, isolado do Pai, separado da comunhão com ele — tomando sobre si toda a maldição de Deus — não por causa de seus pecados, mas por causa do pecado que ele se dispôs a assumir, mediante imputação, em nosso lugar.

Tenho ouvido muitos sermões a respeito do sofrimento físico causado pela morte por crucificação. Tenho ouvido descrições vívidas dos pregos e dos espinhos. Sem dúvida, a agonia física da crucificação foi terrível. Houve, porém, milhares de pessoas que morreram na cruz e talvez tenham sofrido mais que Cristo. No entanto, só uma pessoa recebeu toda a maldição de Deus enquanto esteve pendurada na cruz. Duvido que Jesus estivesse sentindo plenamente os pregos e a lança. Ele estava completamente subjugado

pelas trevas. Na cruz, Jesus viveu a realidade do inferno. Estava inteiramente destituído da graça e da presença de Deus, completamente separado de todas as bênçãos do Pai. Jesus tornou-se maldição em nosso lugar para que um dia pudéssemos contemplar o rosto de Deus. Para que o resplendor do seu semblante brilhasse em nós, Deus virou as costas ao Filho. Não é de admirar que Jesus tenha gritado. O grito partiu das profundezas da sua alma. Por quanto tempo ele teve de suportar esse sofrimento? Não sabemos, mas apenas um segundo teria um valor infinito.

Finalmente, Jesus bradou: “Está consumado!” (Jo 19.30). Terminou. Terminou o quê? Sua vida? O sofrimento causado pelos pregos? Não. Terminou o abandono. Terminou a maldição. O resplendor do rosto de Deus retornou e Jesus disse. “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23.46). Foi algo inacreditável, um ato cósmico de redenção que transcende nosso entendimento. A imagem retórica da bênção e da maldição é apenas a ponta do *iceberg*. Todavia, foi uma bênção verdadeira que trouxe redenção verdadeira.

As acusações contra nós: pregadas na cruz

Vimos que a cruz é compreendida de várias maneiras no Novo Testamento. Na expiação, Cristo foi o bode expiatório que carregou nossos pecados para bem longe (expiação), para fora, nas trevas. Cristo venceu as forças do diabo, seus poderes e autoridades. Cumpriu as exigências da justiça de Deus, pagando o resgate em nosso favor. Cumpriu as cláusulas da maldição do Antigo Testamento. Libertou os cativos.

A riqueza da diversidade desses elementos é entrelaçada resumidamente por Paulo na carta aos Colossenses:

Nele também vocês foram circuncidados, não com uma circuncisão feita por mãos humanas, mas com a circuncisão feita por Cristo, que é o despojar do corpo da carne. Isso aconteceu quando vocês foram sepulta-

dos com ele no batismo, e com ele foram ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos. Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz, e, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz (2.11-15).

Paulo fala eloqüentemente da união mística entre o crente e Cristo. Fomos circuncidados com ele. Fomos sepultados com ele para sermos também ressuscitados com ele.

Nesse texto, Paulo inclui outra dimensão à obra multifacetada da expiação. Diz que Cristo “cancelou a escrita de dívida [...] que nos era contrária”. Que escrita era essa? Antes de responder, permita-me relatar uma experiência pessoal.

Em um Natal, minha esposa surpreendeu-me com uma jóia singular: um anel de ouro com um formato inusitado. O anel estampa a imagem de Cristo na cruz, sobreposta por uma pedra vermelha, simbolizando o sangue de Cristo. Acima da cruz vemos as letras INRI. São as iniciais, em latim, das palavras “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”. Elas relembram o valor da boa notícia da crucificação:

Havia uma inscrição acima dele, que dizia:
ESTE É O REI DOS JUDEUS (Lc 23,38).

O anel que ganhei de minha mulher é uma réplica exata do anel que Katharina Von Bora desenhou e confeccionou para o marido, Martinho Lutero, quando eles se casaram. O anel simboliza o evangelho, do qual eu necessito me lembrar todos os dias.

No mundo antigo, quando um réu era acusado de um crime, as acusações impostas a ele eram apresentadas de forma escrita. De maneira semelhante, as dívidas monetárias também eram registradas por escrito. Quando essas dívidas, legais ou financeiras, eram sal-

dadas, alguém afixava um aviso em lugar público para ser visto por todos.

No que diz respeito à nossa dívida para com Deus, a “escrita da dívida” contra nós foi removida por Cristo. Um aviso de que a dívida havia sido paga foi afixado em lugar público quando Jesus foi “pregado na cruz”. Essa ação desarmou as potestades e os principados do mal, tornando o triunfo de Jesus sobre eles um espetáculo público.

A Noiva de Cristo: comprada por seu sangue

Há mais um aspecto da redenção que precisa ser mencionado, cujas raízes estão em uma passagem um tanto obscura registrada no livro de Êxodo. No capítulo seguinte ao dos Dez Mandamentos, lemos:

São estas as leis que você proclamará ao povo: Se você comprar um escravo hebreu, ele o servirá por seis anos. Mas no sétimo ano será liberto, sem precisar pagar nada. Se chegou solteiro, solteiro receberá liberdade; mas se chegou casado, sua mulher irá com ele. Se o seu senhor lhe tiver dado uma mulher, e esta lhe tiver dado filhos ou filhas, a mulher e os filhos pertencerão ao senhor; somente o homem sairá livre. Se, porém, o escravo declarar: “Eu amo o meu senhor, a minha mulher e os meus filhos, e não quero sair livre”, o seu senhor o levará perante os juízes. Terá que levá-lo à porta ou à lateral da porta e furar a sua orelha. Assim, ele será seu escravo por toda a vida. Se um homem vender sua filha como escrava, ela não será liberta como os escravos homens. Se ela não agradar ao seu senhor que a escolheu, ele deverá permitir que ela seja resgatada. Não poderá vendê-la a estrangeiros, pois isso seria deslealdade para com ela. Se o seu senhor a escolher para seu filho, lhe dará os direitos de uma filha. Se o senhor tomar uma segunda mulher para si, não poderá privar a primeira de alimento, de roupas e dos direitos conjugais. Se não lhe garantir essas três coisas, ela poderá ir embora sem precisar pagar nada (21.1-11).

Essa parte da lei do Antigo Testamento apresenta cláusulas específicas a respeito dos empregados contratados. Há algumas polí-

ticas ou orientações estranhas no texto. Quando terminava o contrato de trabalho, os empregados que já eram casados na época da contratação podiam partir com as esposas. Porém, se o empregado fosse solteiro no início do contrato e seu patrão lhe desse uma esposa, esse empregado era liberado após o término do contrato, mas não podia levar a esposa e os filhos consigo. Por que não? Provavelmente porque não demonstrou ser capaz de sustentá-los. Lembre-se, o homem tornava-se empregado em razão de uma dívida financeira. Para ter uma esposa, ele precisava, antes de tudo, pagar o “preço da noiva”, para demonstrar que era capaz de sustentar uma família. Se quisesse livrar a esposa da servidão, precisava comprá-la, ou melhor, precisava resgatá-la.

O Novo Testamento reproduz essa imagem retórica quando se refere à igreja como a noiva de Cristo. A igreja é propriedade do Noivo. Ele é seu dono porque a comprou. Paulo menciona que nós não nos pertencemos porque fomos comprados (1Co 6.19,20). O preço pelo qual fomos comprados é o sangue de Cristo. Na sua morte expiatória, ele pagou o preço da noiva e saldou a dívida.

Uma cruz nossa por direito

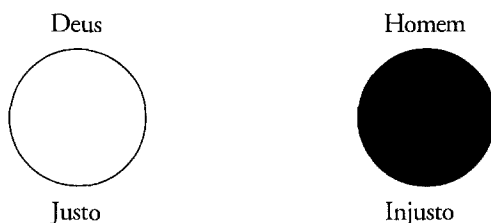
A obra redentora de Jesus está diretamente relacionada com a doutrina da justificação. Lembremos que, na grande controvérsia gerada pela Reforma Protestante, Martinho Lutero insistiu que a doutrina da justificação somente pela fé constitui o fundamento da igreja. Apesar das farpas trocadas no calor da discussão durante seu famoso debate literário com Erasmo de Roterdã, Lutero parabenizou-o e agradeceu-lhe porque ele se concentrou no tema verdadeiro, sem desviar para assuntos insignificantes. João Calvino concordou com a opinião de Lutero a respeito da vital importância da justificação pela fé, argumentando que ela é o eixo em torno do qual tudo gira. Se esses reformadores magistrais estavam corretos, é extremamente importante compreendermos a relevância da expiação para nossa justificação.

Expiação e justificação

A pergunta é: de que maneira a cruz de Cristo se relaciona conosco? Já respondemos à questão objetiva sobre o que aconteceu na cruz. Agora passaremos à questão subjetiva para saber como o benefício da obra de Cristo é transferido para nós. Que benefício a morte de Cristo na cruz nos trouxe? De que maneira isso se relaciona conosco? O que aconteceu de fato na cruz? Repetindo, estamos

nos referindo à expiação relacionada ao conceito de justificação. A palavra *justificação* é um daqueles termos teológicos de difícil interpretação mencionados na Bíblia. Mas é o centro do evangelho. Lamentavelmente, muitas pessoas na igreja têm dificuldade para definir a palavra *justificação*.

Devemos lembrar que a necessidade de expiação está relacionada ao problema do pecado humano e ao caráter de Deus — à santidade e à justiça de Deus. O problema pode ser ilustrado nestes círculos:



O problema que enfrentamos é este: Deus é justo e nós somos injustos. Como reconciliar esse conflito entre um Deus santo e justo e um ser humano impuro, injusto e pecador?

Vamos refletir sobre essa imagem retórica por alguns instantes. Suponhamos que o círculo da direita represente o caráter do ser humano. Quando o ser humano peca, o pecado deixa uma mancha feia, uma mancha moral em seu caráter. Quando comete outro pecado, que penetra com mais profundidade em sua vida, devemos adicionar outra mancha. A pergunta, então, é a seguinte: que parte do círculo deveria estar escurecida quando somos julgados pelo padrão da perfeição de Deus? A corrupção do homem é total. O pecado não mancha apenas as bordas de nossa vida. Ele penetra no âmago do ser. Também não existe uma ilha de retidão preservada em nossa alma que não seja manchada pelo pecado. A corrupção do pecado atinge a pessoa inteira.

Depravação total e depravação absoluta

Há muitos mal-entendidos acerca da corrupção do homem. A expressão usada com frequência na teologia da Reforma para a condição humana é *depravação total*. As pessoas se assustam quando usamos essa expressão porque existe uma confusão entre os conceitos de depravação absoluta e depravação total. O primeiro significa que nossa maldade e corrupção não têm limites. Em minha opinião, não existe nenhum ser humano completamente corrupto neste mundo. A graça e o poder de Deus nos controlam e nos impedem de chegar à corrupção completa. Depravação total, em contrapartida, não significa que somos tão maus quanto poderíamos ser. Por mais pecados que tenhamos cometido, reconhecemos que poderíamos ter feito coisas piores. Poderíamos ter cometido pecados horríveis e mais brutais ou ter pecado com mais frequência.

Quando os reformadores protestantes se referiam à depravação total, queriam dizer que o pecado — seu poder, influência, inclinação — afetam o homem *por inteiro*. Nosso corpo é decaído. Nosso coração é decaído. Nossa mente é decaída. Nenhuma parte de nosso corpo escapa à destruição causada por nossa natureza humana pecaminosa. O pecado influencia nossos pensamentos, conversas e comportamentos. Nosso ser inteiro é decaído. Esse é o significado de “depravação total”.

Não há nenhum justo

Aprofundando o assunto, quando o apóstolo Paulo se referiu à condição pecaminosa do homem, ele escreveu: “Não há nenhum justo, nem um sequer [...] não há ninguém que faça o bem” (Rm 3.10,12). É uma afirmação radical. Ele está dizendo que o homem decaído pelo pecado jamais pratica um ato de bondade. Isso contradiz nossa experiência de vida. Olhamos ao redor e vemos muitas pessoas não cristãs praticando atos de bondade que poderiam ser aplaudidos por sua virtude. Por exemplo, vemos entre não cristãos

atos de bondade, caridade e heroísmo à custa da própria vida. Calvino chamou isso de *justiça civil*.

Temos dificuldade em aceitar a afirmação bíblica de que ninguém faz o que é bom, pois nossa perspectiva de bom é diferente da perspectiva bíblica. Primeiro, precisamos considerar o padrão de medida da Lei, ou seja, a medida de Deus para o desempenho exterior dos seres humanos. Por exemplo, Deus diz que não devemos furtar. Se nós passamos a vida inteira sem praticar um furto sequer, obedecemos à Lei exteriormente. No que se refere a nosso desempenho exterior, nossa ficha está limpa.

Todavia, além do padrão de medida exterior, também é considerado o coração, a motivação interior para nosso comportamento. Nós julgamos pela aparência exterior. Deus olha o coração. Do ponto de vista bíblico, fazer o bem no sentido mais abrangente da palavra exige que a ação exterior esteja de acordo com os padrões da Lei de Deus e, acima de tudo, que proceda de um coração que o ama e deseja honrá-lo. Lembremo-nos do grande mandamento: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração” (Mt 22.37). Façamos uma pausa por alguns instantes. Será que existe alguém neste mundo que amou a Deus de todo o coração pelo menos nos últimos cinco minutos? Não. Ninguém o amou dessa forma desde que nasceu, nem temos amado a Deus de todo o nosso entendimento e com todas as nossas forças.

Sei que no dia do juízo serei responsabilizado, entre outras coisas, por ter deixado de buscar o conhecimento de Deus. Tenho sido, muitas vezes, preguiçoso e indolente e quase sempre estou cansado demais para dedicar-me de corpo e alma à tarefa de conhecer a Deus. Não tenho amado a Deus com todo o meu entendimento. Se eu o amasse dessa forma, jamais haveria um pensamento impuro em minha mente. Mas não é assim que ela funciona.

Se considerássemos o desempenho humano de acordo com a perspectiva de Deus, entenderíamos por que Paulo chegou à conclusão aparentemente radical de que “não há nenhum justo, nem

um sequer” e “não há ninguém que faça o bem”. No sentido mais amplo da palavra, não existe bondade no ser humano. Até em nossas obras mais virtuosas existe uma mancha de pecado. Nunca pratiquei na vida um ato de caridade, sacrifício ou heroísmo com um coração ou uma mente que amou a Deus por completo. Exteriormente, há todos os tipos de atos de virtude sendo praticados, tanto por cristãos como por não cristãos. Deus, porém, sonda o exterior e o interior do homem. Sob essa norma rígida de julgamento, estamos perdidos. Por causa do pecado, nosso círculo está totalmente escurecido.

Homem



Como um injusto pode tornar-se justo?

Como um injusto vai apresentar-se na presença de Deus? Como um injusto pode ser justificado? Como pode tornar-se justo? Será que ele pode começar tudo de novo? Pode apagar seu pecado? Não pode. Uma vez que a pessoa peca, é impossível voltar a ser perfeita. No momento do primeiro pecado, ela perde a perfeição. Essa questão traz um grave problema. Alguns podem dizer que o problema não é tão grave porque Deus, na sua bondade, não leva o pecado em consideração. Ele poderia fazer isso se estivesse disposto a negociar ou sacrificar sua própria justiça e retidão. Mas, agindo dessa forma, o Juiz de toda a terra não estaria fazendo o que é direito. Um juiz que não pune um ato de maldade não é justo nem bom.

É aqui que a mediação se torna necessária. É nesse ponto que Cristo vem para atuar como nosso mediador. Quando pensamos

em nossa redenção, temos a tendência de achar que somos salvos apenas por meio da morte de Cristo. Enquanto concentramos a atenção na morte de Cristo, nos esquecemos facilmente de algo muito importante para que a redenção tenha algum valor. Se eu perguntar a uma criança: “O que Jesus fez por você?”, a resposta poderá ser: “Jesus morreu por meus pecados”. Mas se isso é tudo o que Jesus fez, por que ele não veio ao mundo com 30 anos de idade e foi direto para a cruz? O ponto principal da redenção é que um homem justo morreu pelo injusto. E para ser o Redentor, o Salvador, Jesus precisou ter uma vida perfeita. Ele teve que viver em perfeita obediência. Precisou obter merecimento no tribunal de justiça. Geralmente esquecemos que em nossa justificação ocorre uma dupla transação.

Justificação: uma dupla transação

Vamos ilustrar essa dupla transação. No círculo abaixo, representando Jesus, não há nenhuma mancha. Foi se referindo a ele que João Batista declamou o *Agnus Dei*: “Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29). O Cordeiro de Deus é o Cordeiro sem mácula. O próprio Jesus desafiou os inimigos a acusá-lo de ter cometido pecado. Ninguém foi capaz de fazer isso. Até mesmo no julgamento de Jesus, Pôncio Pilatos declarou não ter encontrado nele nenhum motivo para acusá-lo (v. Lc 23.4).



Jesus nunca hesitou em obedecer à Lei em sua totalidade. Nele não houve nenhuma mancha, mácula ou pecado. Sua “comida” era

fazer a vontade do Pai (Jo 4.34). O zelo pela casa do Pai o consumiu (Jo 2.17). Sua paixão na vida era obedecer ao Pai. “Nada faço de mim mesmo, mas falo exatamente o que o Pai me ensinou. [...] Eu e o Pai somos um.” Foi por causa dessas afirmações que seus inimigos pegaram pedras para atirar nele (v. Jo 8.28;10.30,31).

No drama da justificação vemos uma parte injusta e duas partes justas. Temos um Deus justo e agora temos um mediador justo, ambos santos. Damos o nome de justificação “forense” à justificação a que o Novo Testamento se refere. A palavra *forense* tem relação com atos formais de autorização, uma declaração legal. “Justificação forense” significa que a pessoa é declarada justa diante do tribunal de Deus. A justificação ocorre quando o supremo Juiz do céu e da terra diz: “Você é uma pessoa justa”.

A questão é esta: em que Deus se baseia para dizer: “Você é uma pessoa justa”, se não somos justos? Repetindo, como um injusto pode ser justificado? Encontramos a resposta no conceito bíblico da imputação. Vemos isso na imagem retórica do Cordeiro de Deus carregando nossos pecados, da mesma forma que o bode expiatório do Antigo Testamento carregava os pecados do povo. Quando o sacerdote colocava as mãos no bode, estava transferindo ou imputando simbolicamente os pecados do povo para o animal.

Justificação: nosso pecado transferido para Cristo

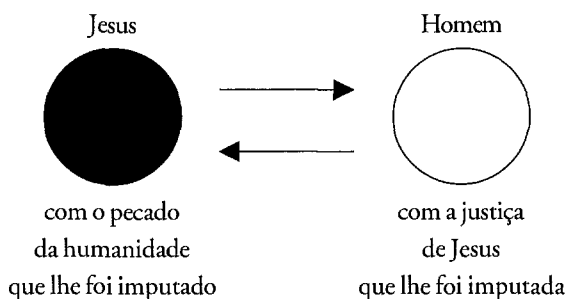
Em nossa justificação ocorre uma dupla transferência. Em primeiro lugar, o peso de nossa culpa é transferido para Cristo. Ele se dispõe espontaneamente a carregar todo o nosso pecado. Assim que nosso pecado é imputado a Cristo, Deus o vê como um volume imenso de corrupção. Deus vê uma multidão de pecados. Jesus é responsabilizado por nossa culpa e a assume em nosso lugar.

Entretanto, se houvesse somente essa transferência, se a imputação fosse uma transação de uma só dimensão, jamais seríamos justificados. Se Jesus tivesse apenas carregado nas costas todos os

pecados que cometi e tivesse sofrido o castigo em meu lugar, isso não me daria o direito de entrar no reino de Deus. Eu somente me livraria de ir para o inferno. Continuaría a ser um injusto. Seria inocentado, mas não seria um justo no sentido literal. Não haveria justiça em mim. Lembre-se: não é a inocência que nos permite entrar no Reino de Deus. É a justiça. Se nossa justiça não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, jamais entraremos no Reino dos céus (v. Mt 5.20). Se apenas minha culpa tivesse sido removida na salvação, eu continuaria a não ter mérito algum.

Justificação: a justiça de Cristo transferida para nós

Portanto, existe uma dupla transferência. Não apenas o pecado da humanidade é imputado a Cristo, mas também a sua justiça é transferida para nós. Aos olhos de Deus, nosso círculo agora está sem nenhuma mancha. Quando Deus me declara justo, ele não está mentindo. Não se trata de ficção do ponto de vista legal.



Se a imputação fosse uma ficção, a declaração de Deus também seria uma ficção legal. Seria uma mentira ou mácula no caráter de Deus. Mas este é o ponto principal do evangelho: a imputação é real. Deus transferiu realmente meus pecados para Cristo e transferiu realmente a justiça de Cristo para mim. Existe uma união genuína para aqueles que estão em Cristo. Nós verdadeiramente

possuímos a justiça de Jesus Cristo por imputação. Cristo é a nossa justiça. Por isso ele é o nosso Salvador; não apenas porque morreu, mas porque viveu. Sem a sua vida merecedora, a expiação não teria valor algum. Sem a sua obediência, o sofrimento na cruz teria sido apenas uma tragédia. Precisamos dessas duas transferências para Deus nos declarar justos.

Quando pensamos nessa dupla imputação, vemos a essência de nossa salvação em uma frase famosa de Martinho Lutero: *simul justus et peccator*. *Simul* é uma palavra latina da qual se origina a palavra *simultâneo*. Significa “ao mesmo tempo”. *Justus* significa “justo” ou “reto”. *Et* significa “e”. *Peccator* é a palavra latina para pecador. Portanto, *simul justus et peccator* significa “ao mesmo tempo justo e pecador”. Essa é a glória da doutrina da justificação unicamente pela fé. A pessoa que está em Cristo é, ao mesmo tempo, justa e pecadora. Essa é a boa-nova, porque, se eu precisasse esperar até não ter nenhum pecado para entrar no Reino de Deus, jamais conseguiria.

Justificação: somente por meio de Cristo

O ponto principal do evangelho é que, no momento em que eu recebo Jesus Cristo, tudo o que ele fez se aplica a mim. Tudo o que ele é passa a ser meu, inclusive a sua justiça. A expressão proferida por Lutero “ao mesmo tempo justo e pecador” significa que, no instante em que passo a crer, eu me torno justo mediante a virtude da imputação da justiça de Cristo. É a justiça de Cristo que me torna justo. A sua morte eliminou o castigo que eu mereço; a sua vida tornou possível minha recompensa eterna. É isso mesmo. Minha justiça está toda amarrada em Cristo. E, ao mesmo tempo, sou um pecador. Os pecadores são salvos por meio da redenção. Essa é a glória do evangelho e da cruz. A Bíblia diz que o único caminho para obter a justiça e o mérito de Cristo é por meio da fé. Não podemos conquistar a justificação. Não a merecemos. Não temos condição de merecê-la. Podemos apenas confiar nela e nos agarrar a ela.

A justificação unicamente pela fé tem um significado simples. A justificação é obtida unicamente por meio de Cristo. É por seu mérito, justiça, vida e morte que podemos estar na presença do Deus santo. Sem Cristo não temos esperança, pois temos apenas nossa “injustiça” para oferecer a Deus.

Não é de admirar que o autor de Hebreus tenha perguntado: “Como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação?” (2.3). Trata-se de uma pergunta retórica. A resposta é óbvia. Como escaparemos? Não escaparemos. Não podemos escapar porque é impossível a um injusto sobreviver na presença de um Deus justo. Precisamos ser justificados. Temos que buscar justificação mediante nossa justiça ou mediante uma *justitia aliena* (lit., “justiça alheia”), conforme diziam os reformadores. E a única justiça externa disponível para a nós é a justiça de Cristo.

TERCEIRA PARTE
Salvo *para* quê?

8

A adoção e a visão beatífica

Há vários anos eu apresento um programa de rádio chamado *Renewing your mind* [Renovando sua mente]. O programa é gravado e vai ao ar todos os dias em rede nacional. Gravamos as mensagens diante de uma platéia de aproximadamente trinta pessoas que comparecem ao nosso estúdio em Orlando. Havia um casal que participava das gravações desde o início. Os programas acontecem duas vezes por semana, com três ou quatro preleções em cada um. O casal estava sempre presente. Pelo fato de recebermos muitos visitantes, eu me habituei a percorrer o auditório e pedir que todos se apresentassem. Quando me aproximava daquele casal, o marido dizia apenas:

— Meu nome é Harold Schellenberg e estou feliz por estar aqui.

Em seguida, ele dava um largo sorriso.

Harold contraía uma doença muito grave. Os médicos diagnosticaram a presença de vários tumores no cérebro e disseram-lhe que estava em fase terminal. O câncer foi muito agressivo e o deixou bastante debilitado. Ele foi perdendo suas forças a cada dia, até o ponto de não conseguir fazer quase nada sozinho. Sua esposa dedicada, Eve, cuidava dele o tempo todo. Ela o levava às gravações todas as semanas em uma cadeira de rodas. Nas últimas semanas de vida, ele perdeu a visão. Mesmo assim, continuou comparecen-

do às gravações, apresentando-se aos visitantes da mesma maneira e nos presenteando com um sorriso contagiante. Harold foi uma das pessoas mais bondosas e meigas que conheci. Nunca se queixava de nada. Nos seus últimos dias eu lhe perguntava:

— Como você está, Harold?

E ele respondia:

— Estou bem, porque o Senhor está cuidando de mim.

Harold amava a Bíblia e a igreja. Ele morreu apropriadamente em um domingo. Descansou no dia do Senhor. Ele entrou em seu descanso eterno no dia semanal de descanso. Imagino que no momento do último suspiro houve um instante de transição deste mundo para a glória. Ele ultrapassou a imensa barreira dimensional para entrar imediatamente na presença de Cristo, experimentando, como Paulo diz, que é preferível “estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor” (2Co 5.8). Tive o grande privilégio de prestar um tributo no funeral de Harold. No final, não resisti e falei sobre sua entrada no céu. Eu tinha certeza de que, no instante em que Harold entrou na glória do Senhor, ele olhou para Jesus e disse: “Oi, meu nome é Harold Schellenberg e estou feliz por estar aqui”.

“O viver é Cristo e o morrer é lucro”

É um grande privilégio assistir à morte de um fiel servo de Deus. A morte de um servo fiel é preciosa aos olhos de Deus. Recebemos todos os tipos de conselhos sobre como viver, mas poucas lições sobre como morrer. Os puritanos, todavia, se preocupavam não somente em ter uma vida santa, mas também uma morte santa. Temos a tendência de esquecer que o objetivo de nossa vida está além da sepultura. Cantamos a música evangélica “Este mundo não é meu lar, estou aqui apenas de passagem”, mas no decorrer da vida quase sempre desviamos o olhar dessa meta. Apegamo-nos com força a esta vida como se ela fosse melhor que a vida após a morte. Raramente nossa atitude expressa estas palavras de Paulo:

Pois sei que o que me aconteceu resultará em minha libertação, graças às orações de vocês e ao auxílio do Espírito de Jesus Cristo. Aguardo ansiosamente e espero que em nada serei envergonhado. Ao contrário, com toda a determinação de sempre, também agora Cristo será engrandecido em meu corpo, quer pela vida, quer pela morte; porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. Caso continue vivendo no corpo, terei fruto do meu trabalho. E já não sei o que escolher! Estou pressionado dos dois lados: desejo partir e estar com Cristo, o que é muito melhor; contudo, é mais necessário, por causa de vocês, que eu permaneça no corpo (Fp 1.19-24).

Paulo tinha dois sentimentos ambivalentes. Sentia-se dividido entre dois anseios opostos. De um lado, desejava deixar este mundo. Estava pronto para a partida. Por outro, sentia-se pressionado a ficar para suprir as necessidades das igrejas locais. Observe que nessa comparação ele não está dividido entre o bem e o mal. Nem está dividido entre o que é bom e o que é melhor. A diferença está entre o bom e o *muito* melhor.

O apóstolo não diminuía o valor desta vida. Ela é boa e devemos apreciá-la ao máximo. Este é o mundo de meu Pai e eu não devo desprezá-lo. Não sinto a falta de Deus neste mundo porque Cristo enviou seu Santo Espírito para estar conosco aqui. Haverá, porém, uma nova dimensão da presença de Cristo depois que atravessarmos o véu. Entraremos instantaneamente em sua *imediata* presença.

Notamos que a dúvida de Paulo não estava em seu desejo de viver ou morrer, e sim de partir ou ficar. Ele não queria partir somente para livrar-se deste mundo e de suas aflições. Não estava buscando uma saída de emergência. Ele desejava partir para estar com Cristo. Esse era seu anseio mais profundo.

Entrando na presença de Cristo

Foi o próprio Cristo quem prometeu que nós um dia estaremos na sua presença. No discurso aos discípulos no cenáculo, Jesus disse:

“Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim. Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver. Vocês conhecem o caminho para onde vou” (Jo 14.1-4).

A ordem que Jesus deu aos seus amigos era que o coração deles não deveria ficar perturbado. Ele disse que há muitos aposentos na casa de seu Pai. Antes de partir, Jesus lhes assegurou que estava indo na frente para preparar o momento do reencontro. Prometeu que onde ele estivesse eles também estariam.

Essas palavras confortadoras foram reforçadas, posteriormente, em outra ocasião quando Jesus disse:

Tudo isso lhes tenho dito enquanto ainda estou com vocês. Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse. Deixo-lhes a paz; a minha paz lhes dou. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe o seu coração, nem tenham medo. Vocês me ouviram dizer: Vou, mas volto para vocês. Se vocês me amassem, ficariam contentes porque vou para o Pai, pois o Pai é maior do que eu (Jo 14.25-28).

Adotados em Cristo

O céu, nosso destino, está inseparavelmente ligado à nossa adoção em Cristo. Ele nos prometeu aposentos na casa do Pai porque fomos adotados na família do Pai. Como membros da sua família, tornamo-nos herdeiros. Paulo descreve nossa adoção em Romanos 8.14-18:

Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temerem, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: “*Aba, Pai*”. O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se de fato parti-

cipamos dos seus sofrimentos, para que também participemos da sua glória. Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada.

O elo entre nossa adoção em Cristo e nosso futuro abençoado no céu é declarado em 1 João 3.1-3:

Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos! Por isso o mundo não nos conhece, porque não o conheceu. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é. Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro.

João chama a atenção para a finalidade ou propósito para o qual fomos criados. Revela o ponto mais alto de nossa glória — o ápice de nossa salvação. Ele começa com a palavra “Vejam”. A mensagem é de suma importância. É uma exortação para concentrarmos a atenção no que está por vir. João está se dirigindo às igrejas quando escreve: “Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu...”. Ele nos convida a parar e pensar. Pede que levemos em consideração o tipo específico de amor revelado em nossa salvação. Poderíamos dividir o “amor” em várias categorias: o amor juvenil, o amor erótico, o amor romântico e outros, mas há também o amor espiritual. Podemos examinar todos os tipos de amor, mas João diz: “Espere um instante. Que tipo de amor é este que nos leva a ser chamados filhos de Deus?”.

“Aquietem-se! Acalmem-se!”

Nesse imperativo existe algo semelhante, quanto à intensidade, à questão levantada pelos discípulos no mar da Galiléia após uma tempestade (v. Mc 4.35-41). Jesus estava dormindo na popa do barco quando sobreveio uma tempestade. Os ventos vindos do

Mediterrâneo tornaram as águas revoltas. Os discípulos, homens experientes, ficaram com medo de naufragar. Apavorados, acordaram Jesus e suplicaram: “Mestre, não te importas que morramos?”. Sabemos o que aconteceu. Jesus analisou a situação. Viu a fúria do vento e as águas turbulentas ameaçando afundar o barco. A seguir, fez algo surpreendente. Encarnado como homem, o Criador do vento e da água, usando o mesmo imperativo divino aplicado na criação do mundo, deu uma ordem aos elementos da natureza: “Aquietem-se! Acalmem-se!”. Imediatamente as águas do mar se acalmaram completamente. Não se ouvia sequer o mais leve sussurro do vento — apenas uma calma absoluta. Poderíamos esperar que, com a calma das águas, o medo e a ansiedade dos discípulos também se acalmassem. Mas isso não aconteceu. A Bíblia relata que eles continuaram apavorados. Após o perigo ter passado, o terror dos discípulos aumentou. Por quê? Eles tiveram um acesso de xenofobia, medo de gente estranha. Imaginaram estar na presença de uma pessoa vinda do outro mundo.

O que qualquer um de nós faria se visse alguém falar com o vento e o mar, dar uma ordem e ser obedecido imediatamente? Os discípulos ficaram aterrorizados, pois aquele ser estranho era mais ameaçador que o mar. “Que espécie de homem é este?” (v. Mc 4.41). Ele não conhecia nenhuma categoria de homens na qual Jesus se enquadrasse. Jesus era único e, por ser extraordinariamente superior, os deixou aterrorizados. Era um homem que transcendia a qualquer outro que os discípulos conheciam. De maneira semelhante, João faz esta afirmação incrível a respeito do amor de Deus: “Vejam que espécie de amor o Pai nos concedeu de forma a sermos chamados filhos de Deus!”.¹ Não temos condições de compreender esse amor. Definitivamente, não se trata de um amor comum ou normal.

¹Tradução livre da Nova Versão King James.

A extraordinária realidade de nossa adoção

Hoje em dia, parece que fomos vacinados contra essa verdade maravilhosa. Estamos imunes à extraordinária realidade de nossa adoção. Aprendemos há muito tempo que todos nós somos filhos de Deus. Assimilamos a idéia de que Deus é nosso Pai por natureza.

De maneira alguma! A Bíblia afirma que, por natureza, somos filhos da ira. Não existe paternidade universal de Deus nem fraternidade universal do homem. A Bíblia refere-se a uma *proximidade* universal. Somos próximos (ou vizinhos) uns dos outros e eu devo tratar cada um com amor cristão. Mas nem todos são meus irmãos ou irmãs. Esse parentesco é obtido somente por meio da adoção. Jesus é o único Filho legítimo de Deus. Os demais passam a fazer parte da sua família mediante a adoção em Cristo.

O pensamento das pessoas que viveram no século I era diferente do nosso. A idéia de serem filhos de Deus não lhes passava pela cabeça. De fato, essa era uma idéia radical. Para João, parecia inacreditável que o Senhor Deus onipotente olhasse para nós e nos considerasse membros da sua família.

Essa graça radical da adoção pode ser mais bem compreendida no relato do Antigo Testamento sobre o destino de Mefibosete, o filho aleijado de Jônatas. Após a morte de Saul e Jônatas, os zelosos generais de Davi vasculharam toda a região para destruir possíveis sobreviventes da família de Saul, que poderiam tentar apossar-se do trono transferido a Davi. Essa destruição não foi idéia de Davi. Ele não queria vingar-se dos membros da casa de Saul. Quando recebeu a notícia da morte de Saul e Jônatas, Davi chorou. Enquanto pranteava a morte deles, Davi compôs o “Lamento do Arco” que, segundo suas instruções, deveria ser ensinado aos filhos de Judá:

O seu esplendor, ó Israel, está morto sobre os seus montes.
Como caíram os guerreiros!
Não conte isso em Gate,

não o proclame nas ruas de Ascalom,
para que não se alegrem as filhas dos filisteus,
nem exultem as filhas dos incircuncisos.
Ó colinas de Gilboa,
nunca mais haja orvalho nem chuva sobre vocês,
nem campos que produzam trigo para as ofertas.
Porque ali foi profanado o escudo dos guerreiros,
o escudo de Saul, que nunca mais será polido com óleo.
Do sangue dos mortos,
da carne dos guerreiros,
o arco de Jônatas nunca recuou,
a espada de Saul sempre cumpriu a sua tarefa.
Saul e Jônatas, mui amados,
nem na vida nem na morte foram separados.
Eram mais ágeis que as águias,
mais fortes que os leões (2Sm 1.19-23).

Esse lamento revela o profundo amor de Davi por Jônatas. Lemos no versículo 26:

Como estou triste por você, Jônatas, meu irmão!
Como eu lhe queria bem!
Sua amizade era, para mim, mais preciosa
que o amor das mulheres!

Por causa do amor por Jônatas, Davi quis saber se havia algum sobrevivente da família. Corriam boatos de um único sobrevivente, um menino chamado Mefibosete, aleijado das duas pernas, que havia sido levado para um lugar secreto. Assim, os soldados de Davi empreenderam uma busca por todo o território sob seu domínio. Finalmente, Mefibosete foi descoberto. Podemos imaginar o medo da mulher que tinha a guarda do menino quando bateram à sua porta. O que ela mais temia aconteceu quando os soldados invadiram a casa e pegaram Mefibosete. Sem dúvida, o menino também ficou aterrorizado. Ele deve ter gritado e pedido socorro. Não tinha

idéia de seu destino, apenas um terrível pressentimento de que seria executado. Os soldados o levaram a Jerusalém e o entregaram a Davi. A Bíblia relata o encontro:

Quando Mefibosete, filho de Jônatas e neto de Saul, compareceu diante de Davi, prostrou-se, rosto em terra. “Mefibosete?”, perguntou Davi. Ele respondeu: “Sim, sou teu servo”. “Não tenha medo”, disse-lhe Davi, “pois é certo que eu o tratarei com bondade por causa de minha amizade com Jônatas, seu pai. Vou devolver-lhe todas as terras que pertenciam a seu avô Saul, e você comerá sempre à minha mesa.” Mefibosete prostrou-se e disse: “Quem é o teu servo, para que te preocupes com um cão morto como eu?” Então o rei convocou Ziba e disse-lhe: “Devolvi ao neto de Saul, seu senhor, tudo o que pertencia a ele e à família dele. Você, seus filhos e seus servos cultivarão a terra para ele. Você trará a colheita para que haja provisões na casa do neto de seu senhor. Mas Mefibosete comerá sempre à minha mesa”. Ziba tinha quinze filhos e vinte servos. Então Ziba disse ao rei: “O teu servo fará tudo o que o rei, meu senhor, ordenou”. Assim, Mefibosete passou a comer à mesa de Davi como se fosse um dos seus filhos (2Sm 9.6-11).

O texto mostra que o privilégio de Mefibosete não foi o de comer à mesa do rei de vez em quando. Ao contrário, ele passou a comer *constantemente* à mesa do rei e foi tratado como um de seus filhos.

Essa é uma ilustração vívida do que significa ser adotado na família de Deus. Penso nisso todas as vezes que participo da ceia do Senhor. Imagino estar participando da mesa do Rei como uma criatura aleijada espiritualmente, cuja alma não tem condições de agradecer-lhe. Apresento-me diante dele como uma criatura desamparada, salva mediante a graça de meu irmão mais velho, Jesus, que me incluiu na família de Deus.

O incomensurável amor de Deus

Davi não convidou Mefibosete para comer à sua mesa pelo fato de ter grande afeição por ele. Nem sequer o conhecia. Por que,

então, fez isso? Por causa de seu amor por Jônatas. Não vejo outra razão pela qual possamos fazer parte da família de Deus, a não ser pelo fato de o Pai ter determinado desde a fundação do mundo que o seu Filho veria o sofrimento de sua alma e ficaria satisfeito (v. Is 53.11). Conforme as palavras de Cristo registradas em João, capítulo 17, somos aqueles que o Pai entregou ao Filho. E por causa do incomensurável amor de Deus por seu Filho nós somos chamados filhos de Deus. Fomos adotados na sua família e podemos nos sentar à sua mesa porque o Pai ama nosso irmão mais velho.

Nunca devemos pensar que esse privilégio indescritível seja nosso por direito. Todas as vezes que oramos e nos dirigimos a Deus como “Pai”, precisamos pensar no amor extraordinário que tornou possível esse laço familiar. João diz: “Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos! Por isso o mundo não nos conhece, porque não o conheceu” (1Jo 3.1).

Forasteiros e estrangeiros neste mundo *

Ser membros da família de Deus significa que não somos mais forasteiros para ele. Somos conhecidos de Deus. Agora, nos tornamos estrangeiros no mundo do qual viemos. Se somos cristãos, pensamos de uma maneira diferente da que o mundo pensa. O mundo não pode nos compreender.

Há certa dimensão da mente do cristão que os pagãos jamais entenderão enquanto não conhecerem a Deus. A Bíblia diz que “o mundo não nos conhece, porque não o conheceu” (1Jo 3.1). Uma vez que passamos a ser parte do corpo de Cristo e fomos adotados em sua casa, o seu afastamento e separação do mundo são transferidos para nós. Esse é um dos problemas que enfrentamos. Ficamos ofendidos quando o mundo nos rejeita. Queremos ser amados por todas as pessoas. Desejamos ardentemente receber aplausos dos companheiros. Não gostamos de sofrer as humilhações enfrentadas por Cristo.

Você foi batizado? Batizado em quê? Foi batizado na morte de Cristo? Foi batizado na ressurreição de Cristo? Se foi batizado, recebeu uma marca na alma. Trata-se de uma marca indelével que o qualifica a ser um dos que Deus separou para participar da humilhação de Cristo. Se não estivermos prontos a participar da humilhação de Cristo, nunca participaremos da exaltação de Cristo. Contudo, se estivermos dispostos a participar da vergonha sofrida por Cristo, também participaremos da glória de Cristo. Estampamos no corpo a marca do batismo. Somos identificados com Cristo. Assim, o mundo não nos conhece porque não o conheceu.

Como seremos no céu?

João prossegue dizendo: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser” (1Jo 3.2a). Há um contraste crucial aqui entre o que sabemos sobre o presente e o que *não* sabemos sobre o *futuro*. Com respeito ao presente, sabemos alguma coisa. Agora mesmo, somos filhos de Deus. Isso nós sabemos, diz João. Mas não sabemos exatamente como seremos no futuro. De vez em quando me perguntam: “Como eu serei no céu? Vou ter 58 anos para sempre? Vou engordar? Vou recuperar meu vigor dos 18 anos?”. Fico surpreso com essas perguntas e com o fato de as pessoas imaginarem que sou capaz de respondê-las! São coisas que ainda não conheço.

Não sabemos exatamente como seremos no céu. Após o falecimento de meu pai, fui atormentado por um pesadelo recorrente durante anos. A morte dele foi lenta. Sua vida se deteriorou em três anos. Ele foi morrendo aos poucos, sofrendo um derrame após outro. Depois de algum tempo, ficou paralítico e seu cabelo branqueou completamente. Com apenas 52 anos de idade, ele parecia ter 80. Permanecia sentado o dia inteiro em sua cadeira até a hora do jantar. Para levá-lo até a mesa, eu me abaixava de costas para ele. Segurava seus braços inertes e os passava em volta de meu pescoço,

acomodava-o nas costas e o carregava. Os pés dele arrastavam-se pelo chão enquanto eu o levava comigo até a sala de jantar e o colocava na cadeira. A dignidade o forçava a sentar-se à mesa de jantar. Ele enxergava muito pouco e balbuciava as palavras. Porém, enquanto foi possível, ele fez questão de sentar-se à cabeceira da mesa para jantar. Terminada a refeição, eu repetia o processo e o arrastava até o quarto.

Quando ele faleceu, parecia que minha alma havia morrido com ele. Como um adolescente, eu o considerava o homem mais importante que havia conhecido. Após sua morte, sofri durante anos com um terrível pesadelo que me fazia despertar com o corpo molhado de suor. Meu pai aparecia no pesadelo. Minhas emoções eram sempre as mesmas. Eu ficava feliz ao vê-lo. De repente, minha alegria transformava-se em desespero, porque eu o via nas mesmas condições em que ele se encontrava quando estava agonizando. No sonho, eu sabia que não havia esperança. Ele estava morrendo e eu não podia fazer nada para impedir sua morte. Faz uns vinte anos que não tenho esse pesadelo, mas antes disso eu o tive pelo menos trinta vezes. De repente parou e só voltei a sonhar com meu pai cerca de três anos atrás.

Nossos sonhos variam muito. Ninguém sabe exatamente o motivo deles. Os psiquiatras tentam entender o significado, mas a interpretação dos sonhos não é uma ciência exata. Alguns são tão vívidos e intensos, que somos capazes de lembrar cada detalhe na manhã seguinte. Meu último sonho com meu pai foi assim. Não creio de maneira alguma que tenha sido uma revelação de Deus. Foi apenas um sonho. Mas um sonho que me chamou a atenção.

Nesse sonho, meu pai apareceu pela primeira vez com um corpo perfeito. Eu o reconheci imediatamente, mas não sabia qual era a idade dele. O rosto estava bronzeado como o de quem esteve exposto ao sol. As feições eram marcantes, mas não sei dizer se ele tinha 25 ou 45 anos. Não pude calcular sua idade. Dessa vez ele

não tinha a aparência de quem estava morrendo. Havia um brilho em sua expressão.

— Pai, você está vivo! — eu disse.

Ele me lançou um olhar radiante, sorriu e disse:

— Claro que estou vivo. O que você estava pensando?

— Você está com um novo corpo e achei que isso ainda ia demorar muito tempo — respondi.

— Bom, eu já tenho esse novo corpo.

— É verdade — repliquei.

Eu não quis discutir teologia com meu pai para saber se ele já estava lá. Perguntei simplesmente:

— Pai, como foi a primeira vez que você viu Jesus?

— Ah, filho, foi exatamente como está escrito no livro de Apocalipse. Não há lâmpadas. Não há luzes. Não há sol nem lua. O local inteiro é iluminado pela glória de Deus e do Cordeiro. Meu filho, foi inacreditável quando vi pela primeira vez a glória deslumbrante de Cristo — ele respondeu, detendo-se na resposta.

Então, perguntei:

— Você viu essa glória apenas uma vez e depois teve que ir para um canto do céu e ficar se lembrando dela?

— Não — ele respondeu. — O mais incrível de tudo é que podemos sempre vê-lo como ele é em qualquer lugar do céu que a gente esteja.

“Pois o veremos como ele é”

Esse foi o meu sonho. Um sonho que estabeleceu uma ligação entre meu maior sofrimento — a morte de meu pai — e minha maior esperança — a promessa da visão beatífica², a *visio Dei*, do Novo Testamento. Creio que nunca ouvi um sermão sobre a visão beatífica e não entendo por quê. É a recompensa e o objetivo extre-

²Termo religioso definido, segundo o Dicionário Houaiss, como “conhecimento de Deus travado diretamente pelos bem-aventurados, seja no céu, seja na terra, em êxtase místico” [N. do R.].

mos do cristão. A palavra *beatífica* origina-se da mesma raiz de *bem-aventurança*. Portanto, a visão beatífica é uma visão da bênção suprema que receberemos quando estivermos face a face com Deus.

João prossegue:

Agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é. Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro (1Jo 3.2,3).

Há uma questão séria nesse texto que tem ocupado a mente dos teólogos ao longo dos séculos. É mais ou menos do tipo “quem veio primeiro: o ovo ou a galinha?”. João nos diz que veremos a Deus como ele é (em latim, *in se est*). A idéia aqui é que veremos a Deus não da maneira como ele apareceu na *shekinah*, a nuvem de glória, ou na sarça em chamas, ou na coluna de fogo do Antigo Testamento. Também não o veremos por meio de uma teofania³ ou de aparições. Deus é Espírito. Vamos vê-lo na sua essência.

Mas como podemos ver um espírito em sua essência?

Por falar nisso, como eu posso ver alguém? Para ver alguma coisa eu preciso ter um corpo. Preciso ter olhos. É necessário haver luz. É necessário haver algo físico para que eu possa enxergar — alguma coisa iluminada pela luz. A visão envolve uma dinâmica de todos os tipos de química e física. A luz refletida do objeto faz a imagem vir até mim e chegar aos meus olhos. A imagem atravessa a pupila, o cristalino, a retina e todas as partes ligadas ao nervo óptico. É por meio desse processo complicado que a imagem aparece na tela da mente e eu imagino ter visto um objeto. Mas o que vi é uma espécie de imagem de fótons e outras coisas. Eu consigo enxergar por meio dos sentidos e de terminais nervosos.

Se Deus é Espírito e não tem corpo, como serei capaz de vê-lo? O grande pregador Jonathan Edwards diz que, quando uma alma

³Manifestação de Deus em algum lugar, acontecimento ou pessoa [N. do E.].

percebe a presença de um espírito, não há transferência de imagens (ou fótons). Não há necessidade de nervo óptico nem de cristalino. Quando a alma tem uma percepção direta de Deus, ocorre uma experiência “imediate”.

O que significa experiência “imediate”?

Eu explico. No fim de uma temporada de futebol, eu pergunto às pessoas:

— Você viu o jogo final do campeonato?

Se a resposta for afirmativa, eu peço mais detalhes como, por exemplo, até que ponto os torcedores estavam entusiasmados. Em geral, elas respondem que viram o jogo pela TV. Na verdade, não viram o jogo. Viram uma transmissão televisiva por meio da difusão de imagens. Ou leram uma reportagem sobre o jogo no jornal, ou então ouviram a transmissão pelo rádio. Em uma palavra, viram uma versão “mediática” do jogo. O contato delas com o jogo ocorreu por meio daquilo que chamamos “mídia”.

A palavra *mídia* é usada porque representa um “meio”, algo que fica entre nós e a realidade que nos é reportada. Mesmo quando estamos presentes a um evento, nossa percepção dos acontecimentos é transferida para nossa mente por meio dos sentidos físicos.

Imagine ter uma percepção direta do próprio Deus, sem nenhuma intermediação. Conforme as promessas do Novo Testamento, é isso que acontecerá com o cristão no final de sua vida terrena. Não sabemos ainda como seremos, mas de uma coisa nós sabemos: seremos semelhantes a Deus e o veremos como ele é.

Vendo a pureza da glória de Deus

Voltemos à pergunta sobre “o ovo ou a galinha”. A Bíblia diz que o final de nossa santificação será nossa glorificação, quando todos os vestígios do pecado serão removidos de nosso caráter. Seremos puros. Não haverá mais dúvidas. Não haverá mais medo. Não haverá mais erros. Não haverá mais sofrimento. Não haverá mais

maldade. Todas essas coisas desaparecerão para sempre. Seremos semelhantes a Cristo, totalmente santificados. Nós o veremos como ele é, revelado em todo o seu esplendor e glória. Veremos algo comparável à visão que Isaias teve do Senhor dos Exércitos.

Esta é a pergunta: seremos capazes de vê-lo porque, antes, Deus nos purificará e nos glorificará tornando possível que o vejamos? A razão pela qual não podemos ver Deus agora não é uma deficiência em nossos olhos. O problema está em nosso coração. Deus não se permite ser visto por alguém cujo coração é impuro. Lembre-se de que Jesus abençoou os puros de coração, prometendo que veriam a Deus. Não somos puros de coração. Por conseqüência, não podemos enxergar além de nossa atual dimensão. Podemos ver coisas em terceira dimensão, mas não além dela. Não somos capazes de penetrar no âmago do sobrenatural. Nem somos capazes de enxergar a essência de Deus, porque não recebemos *permissão* para isso. O anjo continua na porta do paraíso com uma espada flamejante para guardar a entrada. Nenhum ser humano poderá ver a Deus e continuar vivo. Só poderemos vê-lo depois de purificados. Então, será que Deus nos purificará, a luz brilhará em nós e teremos a imediata percepção da glória de Cristo? Não estou certo disso.

Talvez a seqüência seja diferente. Pode ser que não sejamos purificados antes para depois vermos a glória de Deus face a face. Talvez ele revele a sua pura glória a nós e a visão imediata que teremos seja o poder que ele usará para nos tornar perfeitos. Talvez sejamos purificados por essa visão. Não sei o que ocorrerá primeiro e não me importo com isso. Eu só quero vê-lo. Eu só quero que todos aqueles que receberam a Cristo possam, um dia, ter os olhos abertos — os olhos da alma — para poder contemplar a santa glória de Jesus Cristo face a face. É para isso que fomos criados. É isso que sentimos faltar na essência de nossa alma. Esse é o sofrimento intenso que necessita ser curado antes de cumprirmos nosso propósito como seres humanos. Nada menos que isso será suficiente.

Esse é o destino prometido por Deus para seu povo. Esse é o objetivo e o propósito da salvação. É *para* isso que somos salvos. Somos salvos *por* Deus, *de* Deus, *para* Deus. Essa é a grande ironia da linda história da salvação.

Um novo céu e uma nova terra

Finalmente, vamos ler a promessa que Deus fez de um novo céu e uma nova terra, a promessa da nova Jerusalém que descerá do céu. Este é o ápice da revelação recebida por João enquanto esteve exilado na ilha de Patmos:

Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia. Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: “Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou”.

Aquele que estava assentado no trono disse: “Estou fazendo novas todas as coisas!” E acrescentou: “Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança”.

Disse-me ainda: “Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem tiver sede, darei de beber gratuitamente da fonte da água da vida. O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus e ele será meu filho (Ap 21.1-7).

É assim que João descreve a cidade celestial que Cristo nos oferece: ruas de ouro, portas de pérola e muros adornados com pedras preciosas. Ele descreve uma cidade de beleza deslumbrante. Comparada a ela, a mais majestosa construção feita por homens neste mundo pareceria um casebre em ruínas.

Não há igreja nessa cidade. Não há pináculos nem torres gigantescas. Não há templos porque não serão necessários:

Não vi templo algum na cidade, pois o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro são o seu templo. A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua candeia. As nações andarão em sua luz, e os reis da terra lhe trarão a sua glória. Suas portas jamais se fecharão de dia, pois ali não haverá noite. A glória e a honra das nações lhe serão trazidas (Ap 21.22-26).

Tão grande salvação

Por fim, no último capítulo da Bíblia João descreve um rio de água pura — o rio da água da vida, claro como cristal. É nesse ambiente deslumbrante que acontecerá nossa visão beatífica. É aqui que o capítulo final de nossa salvação será escrito:

Então o anjo me mostrou o rio da água da vida que, claro como cristal, fluía do trono de Deus e do Cordeiro, no meio da rua principal da cidade. De cada lado do rio estava a árvore da vida, que frutifica doze vezes por ano, uma por mês. As folhas da árvore servem para a cura das nações. Já não haverá maldição nenhuma. O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos o servirão. Eles verão a sua face, e o seu nome estará em suas testas. Não haverá mais noite. Eles não precisarão de luz de candeia, nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os iluminará; e eles reinarão para todo o sempre (Ap 22.1-5).

Portanto, como escaparemos se negligenciarmos tão grande salvação? (v. Hb 2.1-4) A salvação que é *por* Deus, *de* Deus e *para* Deus, a quem pertence toda a glória.

Índice geral

Aarão 74
Abraão 23, 74, 75
Adão, 35
adoção, 98, 101
Agnus Dei, 88
Agostinho, Santo, 35-6
agostinismo, 46
amor, 48, 52, 55, 56, 68, 86, 99,
101, 102, 104
Amós, 25
ascensão, 43, 57
auto-estima, 29, 37
auto-imagem, 28-9
autoridade, 49-50, 61, 81

Barth, Karl, 63
Belsazar, 29
bênção, 69-70, 72, 74, 75, 78, 79
bode expiatório, 74, 76, 79, 89

Califórnia, 26
Calvino, João, 83, 86
ceia do Senhor,
céu, 21, 24, 32-33, 56, 57, 88, 89,
96, 98, 105, 111
Christus Victor, 62

circuncisão, 77, 79
conversa no Cenáculo, 97
Conwell School of Theology, 15
cordeiro, 68
Criador, 35, 48, 49, 51, 100
crime, 48, 49, 57, 58, 80
cristãos, 16-17, 25, 43, 44, 46, 56,
86, 104
Cristãos Unidos pela Reforma
(CURE), 17
cristianismo, 17, 42-43, 45-46, 54
crucificação, 43, 76, 78, 80
cruz, 37, 41-43, 44-47, 56, 59, 62,
63, 65, 66, 74, 75-81, 83, 88, 91

Daniel, 25, 29
Davi, 26, 35, 42, 101-103
depravação total, 85
desavença, 54
desobediência, 55
Deus

amor de, 56, 100
bênção de, 70-72
bondade de, 31
caráter de, 48, 84
conhecimento de, 86

- Criador, 45
 encarnado, 31
 glória de, 107-110
 Governador, 57, 58
 graça de, 85
 hostilidade para com, 52
 imagem de, 30, 33, 73
 ira de, 20, 24, 27, 29, 37, 55, 65
 Juiz, 57, 58, 87, 89
 juízo (julgamento) de, 44
 justiça de, 58, 79, 84, 92
 maldição de, 70, 72-73, 78-79
 mandamentos de, 36
 obediência a, 52
 obrigações a, 50
 padrão de, 32, 33, 37
 pecado contra, 49, 52-56, 63
 poder de, 26
 presença de, 72, 73, 76-8, 87, 92
 promessas de, 69
 reconciliação com, 21, 22, 44, 46
 Reino de, 23, 30, 90, 91
 relacionamento com, 21, 48
 responsabilidade perante, 32-3, 44
 sabedoria de, 23
 salvação de, 23, 28, 41
 salvação por meio de, 25, 26, 41
 santidade de, 34, 36, 41, 84, 92
 satisfação de, 46
 separação de, 55
 soberania de, 49-50
 temor de, 30, 33-5
 visão de Isaías de, 28
 Dez Mandamentos, 31, 81
 Dia da Expição, 73
 dívida, 48, 49, 50, 52, 57-58, 81
 divindade, 31
 doutrina, 21, 22, 45, 83, 91
 dupla transação, 88-9
 Edwards, Jonathan, 108
 ego, 28
 encarnado, 31, 49, 100
 Erasmo de Roterdã, 83
 Espírito Santo, 19, 62, 74, 97-9, 107
 Estados Unidos da América, 42, 45
 Eva, 35
 evangelho (boas-novas), 17, 19, 26, 29, 80, 84, 90-1
 evangélico, 17, 56
 evangelismo, 32
 evangélico, 24
 Eve (esposa de Harold Schellenberg), 95
 existencialista, 64
 Êxodo, 23, 62
 expiação, 43, 45-48, 61, 64, 66, 67, 68, 79
 Ezequiel, 25
 fé, 17, 21, 27, 41, 42, 45-6, 59, 74-75, 80, 83, 91-92
 Filadélfia, 15, 24
 filhos de Deus, 99-101, 104, 105, 108
 Filipos, 20
 filisteus, 22, 102
 Galiléia, 60, 99
 garantia, 52
 gentio, povo, 73
 glória, 26, 91, 99, 105, 107-8, 110, 112
 glorificação, 23, 109
 Gólgota, 76
 graça, 23, 36, 51, 58-9, 79, 85

- hilasmos*, 65
 hostilidade, 48, 52
 Humpty Dumpty, 37
huper, 63
- igreja, 17, 24-5, 32, 36, 43, 45, 62,
 82, 83-4, 96, 99, 111
 igreja ocidental, 46
 igreja oriental, 46
 impenitente, 25, 26, 66
 imputação, 78, 89-91
 Inferno, 55, 79, 90
 inimizade, 48-9, 52-3, 55
 injustiça, 54
 ira, 18-20, 24, 25-26, 27, 29-7, 41,
 55, 65, 101
 Isaías, 25, 28, 29, 104, 110
 Isaque, 23
 Israel, 29, 50 62, 68-9, 73-4, 101
- Jacó, 23
 Jeremias, 25
 Jerusalém, 24, 60, 76, 103, 111
 Jesus Cristo
 adoção em, 98
 bode expiatório, 79
 como maldição, 74, 75, 77-8
 cruz (crucificação) de, 43, 47,
 63, 65, 67, 74, 75, 78-81, 83,
 88, 94
 fé em, 21, 59, 75
 humanidade de, 83
 impecabilidade de, 31
 Juiz, 57-8
 justiça de, 27, 90-2
 luta com Satanás, 62
 mediador, 54, 87
 ministério (obra) de, 41, 42, 60-
 3, 65, 67, 83
 morte de, 42, 56, 58, 60, 63, 67,
 68, 76, 78, 82, 88, 91, 92, 105
 obediência de, 89
 objeto da ira de Deus, 27
 relacionamento pessoal com, 17
 resgate, 55, 61, 62
 sangue de, 82
 Segunda Pessoa da Trindade, 56
 união com, 80
 volta de, 25
 João (apóstolo), 79, 89, 99-101,
 108, 111-112
 João Batista, 88
 Jônatas, 101-3
 jovem rico, 31-2
 judeu, 70-2, 77-78
 judeu, povo, 21, 71
 juízo (julgamento), 20, 24-25, 33,
 41, 44, 57, 66, 76, 86
 justiça (retidão), 23, 27, 33, 36, 57,
 59, 74, 86-8, 90-2
 justiça, 41, 46, 51, 57-8, 78, 79,
 84, 87, 91
 justiça externa, 92
 justificação, 45, 83-4, 88-92
- krisis*, 66
- Lady Macbeth, 51
 Lei, 31, 48, 75, 86, 88
luo, 61
 Lutero, Martinho, 80, 83, 91
lutron, 61
- Madison Avenue, 41
 maldição, 69-70, 72-9, 112
 mediador, 54-56, 87-89
 Mediterrâneo, 100

- medo, 29, 34, 70, 72, 98, 100,
 103, 109
 Mefibosete, 101-103
 Messias, 116, 76
 Miquéias, 25
 Michelangelo, 42
 misericórdia, 51, 59
 Movimento dos Direitos Civis, 72
- Narciso, 28
 Nazaré, 80
 Noé, 27
 Noiva de Cristo, 81-2
 Nova Jerusalém, 111
- pacto (aliança), 47, 53, 67-69, 72,
 73, 75, 77
 paganismo, 104
 Palavra de Deus
 poder da, 18
 Patmos, 111
 Paulo (apóstolo), 20-1, 24-5, 34-5,
 54, 59, 74-5, 79-80, 82, 85-6,
 96-8
 pecado, 29-30, 34-36, 41, 44-5,
 47-52, 55, 63, 77-8, 84-5, 87-
 91, 109
 pelagianismo, 45-47
 Pelágio, 36
 penal, 48, 57-8
 perfeição, 31, 33, 36, 51, 84, 87
 poder, 61
 Pôncio Pilatos, 76, 88
 profeta, 18, 24-5
 propiciação, 64-5
 puritanos, 96
- quitação, 63
- reconciliação, 21, 22, 54
 redenção, 20, 43-9, 54, 61-63, 67,
 74, 77, 79, 81, 83, 88, 91
- Redentor, 49, 52, 62, 88
 Reforma, 67, 83
 Rembrandt, 42
 resgate, 55, 61-65, 79
 reverenciado, 35
 romano, 76
 Roterdã, 83
- sacramento, 68
 salvação, 16, 17, 20-27, 41-44, 45,
 47, 62, 66, 75, 90-2, 99, 111,
 112
 Salvador, 24-5, 36, 45, 47, 88, 91
 santidade, 28-9, 34, 41, 45, 48
 santificação, 23, 109
 Satanás, 62, 63
Satanus Victor, 63
 Saul, 101-3
 Schellenberg, Harold, 95-6
 Schweitzer, Albert, 77
 SDS (Estudantes por uma Sociedade
 Democrática), 15
 semipelagianismo, 45
 Senhor
 - amor ao, 86
 - día do, 18-9, 24-5, 27
 - salvação de e por meio de, 26
- separação, 104
 Sermão do Monte, 31
 shakespeariano, 77
 Silas, 21
simul justus et peccator, 91
 soberania, 49
 socinianismo, 46
 socrático, 31
 Sofonias, 18-20, 25
 Sproul, R.C., 54
 substituição, 63
- Temple University, 15
 teologia da Reforma, 85

teologia histórica, 57

transgressão, 48

Trindade, 56

Via Dolorosa, 76

vida eterna, 30

Vietnã, 15

visão beatífica, 107, 112

Von Bora, Katharina, 80

Yahweh, 72

"Os que fazem uma separação inexistente entre evangelização e doutrina encontrarão nesta obra a mensagem de salvação em Jesus Cristo fundamentada numa sólida teologia bíblica. O dr. Sproul nos fornece uma perspectiva abrangente do ensino bíblico a respeito de Deus e de sua glória, bem como da natureza humana, de suas necessidades e de como Deus em sua misericórdia pode satisfazê-las."

Hermisten Costa, *professor do Mestrado em Ciências da Religião na Universidade Mackenzie em São Paulo (SP).*

"Sproul nos remete a uma reflexão prática e objetiva sobre a condição do homem diante de Deus e sua urgente necessidade de salvação. Como professor de Teologia Sistemática, ensinando Doutrina da Salvação (Soteriologia) há mais de 8 anos, recomendo a leitura desta obra, que com certeza será uma grande ferramenta na tarefa da evangelização."

Isaías Rosa, *pastor e professor do Instituto Bíblico das Assembléias de Deus e da Escola de Educação Teológica das Assembléias de Deus (SP).*

"Sproul resume o evangelho, fazendo perguntas básicas: 'Salvo de quê?', 'salvo por meio de quê?' e 'salvo para quê?' A estas três perguntas, ele apresenta a mesma resposta: de, por e para Deus mesmo! Numa época em que as boas-novas estão sendo eclipsadas, esta obra nos ajuda a recuperar uma apresentação fiel da graça, que perdoa o pecado e liberta da culpa e da condenação, por meio da fé em Cristo."

Franklin Ferreira, *pastor da Primeira Igreja Batista do Cosme Velho no Rio de Janeiro e professor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.*

"'Auto-ajuda' ou 'ajuda do alto'? Ao tratar do pecado, da cruz e da glória da salvação, Sproul nos coloca no cerne da mensagem do evangelho. De maneira simples, porém contundente, o autor revela o verdadeiro sentido da obra realizada por Jesus. Uma leitura que certamente vai levar os leitores a uma visão clara da necessidade da intervenção de Deus em sua vida."

Aginaldo D. de Faria, *pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil na Mooca, São Paulo (SP). É mestrando em Teologia pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (SP).*